

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE ARTE CORPORAL
CURSO DE BACHARELADO EM DANÇA

GEISA SOUZA SANTOS

**Transverberações: um memorial sobre o sagrado na dança através da
fusão com as forças da natureza**

RIO DE JANEIRO

2022

GEISA SOUZA SANTOS

Transverberações: um memorial sobre o sagrado na dança através da fusão com as forças da natureza

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharel em Dança.

Orientador: Prof. Dr. André Meyer de Alves Lima

RIO DE JANEIRO

2022

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1: sentindo a árvore. 45
- Figura 2: abraçando e sendo abraçada pela árvore.46
- Figura 3: eu e o vento dançando juntos.48
- Figura 4: movida e movente com e como o vento.48
- Figura 5. o vento me conduz.48
- Figura 6: sentindo a terra.53
- Figura 7: me lavando com a terra.53
- Figura 8: trocando com ela.58
- Figura 9: humano e o divino na mesma pessoa.58
- Figura 10: pegando na terra.59
- Figura 11: dançando no sentimento “Eu sou Ele”.60
- Figura 12: recebendo o divino. 62
- Figura 13: permitindo que Ele seja em mim. 63

Santos, Geiza Souza.

Texto para Defesa (Trabalho de Conclusão de Curso - Memorial) –Curso de Bacharelado em Dança Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

1. Dança. 2. Sagrado. 3. Ciência da Religião, 4. Mistério Cristão . 4. Videodança. Fundamentos da Dança. 5. Helenita Sá Earp.

I. Práticas de Improvisação na natureza I. II. Perspectivas do Sagrado.
III. Videodança.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 9

1. SOBRE A EXPERIÊNCIA DO DIVINO 12

1.1 SAGRADO COMO MISTÉRIO 12

1.2 MISTÉRIO CRISTÃO COMO CAMINHO 14

1.3 CORPO E A DIAFANIA DO ESPÍRITO 19

2. DANÇA E ESPIRITUALIDADE 24

2.1 SAGRADO NA DANÇA E DANÇA NO SAGRADO 25

2.2 ESPIRITUALIDADE NOS FUNDAMENTOS DA DANÇA DE HELENITA SÁ EARP
26

3. TRANSVERBERAÇÕES: DANÇANDO COMO E NO DIVINO 40

3.1 AO ME RELACIONAR COM A ARVORE:VIDEODANÇA “ARBORECÊNCIAS”43

3.1.1 Sobre o laboratório de movimento com a árvore 46

3.1.2 Descrição da cena 47

3.2 AO ME RELACIONAR COM O VENTO:VIDEODANÇA “SOPROS” 47

3.2.1 Sobre o laboratório de movimento com o vento 49

3.2.2 Descrição da cena 50

3.3 AO ME RELACIONAR COM A TERRA:VIDEODANÇA “BARRO” 51

3.3.1 Sobre o laboratório de movimento com a terra 54

3.3.2 Descrição da cena 55

3.4 AO ME RELACIONAR COM JASMIM: VIDEODANÇA “EU-JASMIM” 57

3.4.1 Descrição da cena 59

3.5 AO ME RELACIONAR COM O DIVINO: VIDEODANÇA “EUSOU QUEM EU SOU” 60

3.5.1 Sobre o laboratório de movimento com o Divino 64

3.5.2 Descrição da cena 65

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES 70

REFRÊNCIAS 71

ANEXOS 73

RESUMO

SANTOS, Geiza Souza. Transverberações: um memorial sobre o sagrado na dança através da fusão com as forças da natureza. Trabalho de Conclusão de Curso. Memorial (Licenciatura em Dança) - Escola de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

Este trabalho é fruto de um processo experiencial de minha vivência com o divino através da dança, num caminho que entrelaça criação artística e minha vida como ser humano e mãe. Iniciei minhas práticas em dança na igreja no contexto do cristianismo evangélico. Lá sempre procurei dançar na habitação do Espírito Santo. Em outras palavras, dançar com e no Divino. Neste sentido, este memorial apresenta a dança como um ato sagrado e faz deste binômio o eixo de todo o relato do presente estudo, a fim de subsidiar processos criativos em videodança pautados nesta relação. Neste sentido, refletimos sobre o sagrado a partir de temas abordados autores no campo da Ciência da Religião, como Teilhard de Chardin, Huberto Rodhen, Martin Buber, Leonardo Boff, Faustino Teixeira, entre outros para subsidiar algumas noções sobre o tema da Mística em Religiões Comparadas que permeiam as abordagens em dança desenvolvidas neste memorial. O memorial discute a Dança numa perspectiva aberta e criativa a partir dos Fundamentos da Dança de Helenita Sá Earp, visando o autoconhecimento e experiência unitiva com o Todo através das forças da natureza no contexto do Mistério Cristão. Como estudo de caso, as reflexões sobre exegese bíblica, mística em religiões comparadas e dança se entrelaçam e permitiram desenvolver os processos criativos presentes em “Transverberações”, onde descrevemos a metodologia e os processos de criação utilizados na realização de cinco temas de pesquisa coreográfica pautadas na relação Sagrado-Natureza com cinco partes pelas videodanças “Arborescências”, “Sopros”, “Barro”, “Eu-Jasmim” e “Eu sou quem Eu Sou”. Vários laboratórios de pesquisa de movimento e improvisações que integram o presente estudo são descritos com a finalidade de levar o leitor a participar desta comunhão com o Todo através da dança, utilizando as forças da natureza para esta comunhão acontecer até a pura fusão direta no divino.

Palavras-chave: 1. Dança. 2. Sagrado. 3. Ciência da Religião, 4. Mistério Cristão . 5. Videodança. Fundamentos da Dança. 6. Helenita Sá Earp.

ABSTRACT

SANTOS, Geiza Souza. Transverberations: a memorial about the sacred in dance through the fusion with the forces of nature. Under Graduation Memorial (Bachelor's in Dance) - School of Physical Education and Sports, Federal University of Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

This work is the result of an experiential process of my experience with the divine through dance, in a path that intertwines artistic creation and my life as a human being and mother. I started my practices in church dance in the context of evangelical Christianity. There I always tried to dance in the habitation of the Holy Spirit. In other words, dancing with and in the Divine. In this sense, this memorial presents dancing as a sacred act and makes this binomial the axis of the entire report of the present study, to subsidize creative processes in videodance based on this relationship. We reflect on the sacred from themes approached by authors in the field of Science of Religion, such as Teilhard de Chardin, Huberto Rodhen, Martin Buber, Leonardo Boff, Faustino Teixeira, among others; to subsidize some notions on the theme of Mysticism in Comparative Religions that permeate the dance approaches developed in this memorial. This memorial discusses Dance from an open and creative perspective based on the Fundamentals of Dance by Helenita Sá Earp, aiming at self-knowledge and a unitive experience with the Whole through the forces of nature in the context of the Christian Mystique. As a case study, reflections on biblical exegesis, mysticism in comparative religions and dance are intertwined and allowed the development "Transverberações", where we describe the methodology and creation processes used in the realization choreographic research themes based on in the Sacred-Nature relationship with five video dances works "Arborescences", "Sopros", "Mud", "I-Jasmim" and "I am that I am". Several movement research laboratories and improvisations that integrate the present study are described with the purpose of leading the reader to participate in this communion with the Whole through dance, using the forces of nature for this fusion to happen until the pure direct encounter with the divine comes.

Keywords: 1. Dance. 2. Sacred. 3. Science of Religion, 4. Christian Mystery. 5. Videodance. Fundamentals of Dance. 6. Helenita Sá Earp.

APRESENTAÇÃO

Falar sobre a relação com o divino não é algo fácil e nem garantido que vai ser demonstrado em cena, pois essa relação não depende somente do artista mas da vontade do próprio divino em se manifestar durante a apresentação artística. Desde criança tenho esse desejo latente em mim, de dançar com o divino através do vento, das árvores, da contemplação da criação e diretamente com Ele em um mover íntimo e único, de um ser que me envolve com sua graça e plenitude me tornando uma só com Ele.

Quando eu era criança tinha uma imaginação bem aguçada e gostava de pensar que tinha uma irmã gêmea e ela fazia as coisas no meu lugar, e quando alguém perguntava se eu fiz algo específico falava que foi minha irmã gêmea. Me lembro de imaginar que dançava na rua, em um canto alto de concreto que tinha na calçada do vizinho, algumas vezes eu tomava coragem e dançava de fato, e sempre, tanto na imaginação quanto na realidade, eu sentia que o vento me movia a dançar. Eu sentia como uma espécie de dança, uma dança para Deus, onde eu e o vento dançávamos juntos. Sempre fui uma criança muito envergonhada e tímida, mas ao dançar sentia uma libertação de medos e anseios, do que iriam falar ou pensar, mas quando alguém aparecia, rapidamente toda vergonha me tomava e me paralisava novamente como numa prisão. Mas na imaginação eu permanecia sendo movida por aquele “vento maravilhoso” que me levava a um sonho onde eu poderia ser quem eu quisesse ser. Eu podia tudo!

Conforme fui crescendo, aos 11 anos, procurei por conta própria o caminho da dança e fiz *Street Dance* e *Lamba Aeróbica* na Escola Municipal Helcio Chambarelli onde estudei do quarto ano ao sétimo do Ensino Fundamental. Aos 12 anos encontrei a dança profética na igreja e então encontrei o que eu mais gostava no mundo da dança, dançar com e para o divino. Uma dança parecida com a da minha infância, a minha dança! Ser livre para me expressar sendo movida por esse “vento glorioso que me leva e me tira de toda prisão”. Eu sentia que havia aprisionamentos psíquicos-energéticos-espirituais que advinham tanto de forças intra e interpessoais como da própria sociedade e

que abafavam minha plenitude de ser por longo tempo. Mas nestes momentos jubilosos que narrei, sentia toda a face renovada. Como é bom dançar de verdade sem alguém querendo te impor como fazer algo certo ou errado. Era só fazer o que eu já sabia dentro de mim porque essa é a minha dança. A minha dança!

Depois acabei encontrando outros meios de me aprimorar como intérprete a partir do convite que recebi para fazer parte da Companhia de Dança Ru'Art, liderada pelo Professor-Coreógrafo Tikin Alves (André Alves) na Casa do Menor São Miguel Arcanjo;¹ neste local, tive o privilégio de aprender mais sobre dança-teatro e realizei viagens com a Companhia pelo Brasil. Depois tive também um breve contato com o Balé Clássico em uma ação social e com o Jazz sob a orientação da professora Gisele Vieira. Mesmo diante destas atividades dançísticas mais ligadas ao mundo secular em sua diversidade e em seus *modus operandi*, nunca deixei de fazer a minha dança para o divino. Com o tempo fui interpenetrando cada aprendizado em dança, fazendo das experiências uma fusão e que estas se tornassem uma dança mista e não mais específica de um estilo de dança ou de outro.

Neste sentido, a pesquisa realizada nesse Memorial, utiliza cada traço da minha trajetória em dança, das aulas que tive na Universidade e meu aprendizado do Sistema Laban e dos Fundamentos da Dança de Helenita Sá Earp.² Especificamente, o tema central que norteará a investigação coreográfica está ligado aos movimentos que se dão entre equilíbrio em e desequilíbrios do corpo nas relações diretas com forças da natureza.

Conforme esse equilíbrio for a cada vez retomado, os movimentos vão adquirindo maior intensidade em relação aos movimentos anteriores causando um efeito de presença, controle e entrega ao Meio Divino³ sendo movido nesta comunhão. A ideia é desencadear um sentir e um fazer do coreográfico como se o Intérprete passasse a se mover não mais desligado de uma Fluxo do Todo

1 Casa do Menor São Miguel Arcanjo é uma instituição situada em Nova Iguaçu, Miguel Couto, voltada para área da Cultura, na época coordenada pelo Padre Renato Chiera.

2 Abordaremos estas teorias da dança no capítulo 2.

3 Vamos falar mais sobre esse item no capítulo 3 item 5 quando descrevo os processos de pesquisa de movimento envolvidos.

mas justamente ao contrário, a ideia é que esse Fluxo do Todo cada vez assuma o protagonismo da dança de modo que possamos afirmar com Michelazzo (2011) comentando a obra de Dõguen quando afirma: não sou eu que respiro mais a respiração é que me respira. Isto é, o intérprete e em cena não se move mais sozinho mas se move a pôr participar de uma “Trama” ou “Algo” que o direciona especificamente para onde quer que ela vá. Estas ideias colocadas por Michelazzo nos levam a pensar então sobre a experiência do sagrado, o que passaremos a abordar a seguir.

1. SOBRE A EXPERIÊNCIA COM O DIVINO

Neste capítulo vamos refletir sobre a questão do Sagrado, tomando como caminho temas abordados por diversos autores no campo da Ciência da Religião a fim subsidiar algumas noções a desenvolver neste memorial.

1.1 SAGRADO COMO MISTÉRIO

O sentimento no momento da entrega de Si Mesmo ao Divino é impossível de ser explicado completamente em palavras, pois só quem A vivência sabe de fato o que acontece. Mesmo assim, a linguagem humana não encontra palavras suficientes que O expressem. Cada pessoa diz de uma forma sobre a sua vivência interior e espiritual. Neste sentido, Leonardo Boff fala um pouco sobre esse tentar explicar em palavras o que é esse sentir que cada pessoa tem em relação com o sagrado:

O ser humano traduz sua experiência do mistério com mil nomes que nascem de sua reverência, de seu êxtase e de seu amor. Sente-se mergulhado nesse mistério que lhe confere sentido a vida. Abre-se ao mundo circundante, ao outro, às diversas sociedades, ao Todo, a Deus. Nada o sacia. Seu grito por plenitude é eco da voz do Mistério que chama. Ele pode ser um companheiro no amor, um ouvinte da Palavra, um hospedeiro do Mistério percebido dentro de si. Ele pode acolher, na linguagem da compreensão cristã, o Deus-comunhão-e-amor, e Deus pode se comunicar com ele. (2019, p. 26)

Mistério é mergulho, aprofundamento, entrega e vivência a esse Ser que é denominado como Deus. Essa entrega é chamada de unção pelo cristão como fala Leonardo Boff quando diz em seu livro “Reflexões de um Velho Teólogo e Pensador” (2019): “A mística e a teologia, feitas com unção, captam a energia que se densifica em muitos níveis até revelar-se como o Mistério de Deus ou o

Deus do Mistério.” (p. 44). Na mística este mistério sempre foi associado a uma espécie de fonte originária de tudo.

Um paradoxo se instala. Esta fonte é infinita. Por mais que a pessoa beba dessa “água” jamais esgota sua ambrosia celestial. Sempre o desejará mais e mais saborear esta “Água Viva”.⁴ Nunca encontrará Deus como um ponto fixo, pois como Verbo, Ele é puro movimento. Assim, quando o encontramos não podemos dizer “agora sim, não preciso mais o buscar”, pois Ele não é um objeto mais o fluxo do Ser inexprimível. Assim, a necessidade D’Ele se torna cada vez mais intensa. Podemos fazer uma analogia com o mar. Quanto mais mergulhemos no oceano mais e mais sempre encontraremos uma vastidão ilimitada para percorrer. Da mesma forma, uma vez que o infinito nunca se esgota por mais que nele imerjamos. Quanto mais O conheço, mais seu Amor vai entrando em mim e me transformando ao ponto de eu inclusive querer que outros vivenciem o que eu vivo. Pois o Eu se dilata e experimentamos a relação não dual do Eu-Tu.⁵

Esse mistério não é como um enigma que quando resolvido perde sua graça, essência e sentido, mas sim é sempre uma realidade insondável. E outras

4 Em João 4, 4-42 é narrado no Novo Evangelho o encontro de Jesus com a mulher Samaritana. “Chegou, pois, a uma cidade da Samaria, chamada Sicar, perto da propriedade que Jacó tinha dado a seu filho José. Havia ali a fonte de Jacó. Jesus, cansado da viagem, sentou-se junto à fonte. Era por volta do meio-dia. Veio uma mulher da Samaria buscar água. Jesus lhe disse: “Dá-me de beber!”. (...) A samaritana disse a Jesus: “Como é que tu, sendo judeu, pedes de beber a mim, que sou uma mulher samaritana?” De fato, os judeus não se relacionavam com os samaritanos. Jesus respondeu: “Se conhecesses o dom de Deus e quem é aquele que te diz: ‘Dá-me de beber’, tu lhe pedirias, e ele te daria água viva”. A mulher disse: “Senhor, não tens sequer um balde, e o poço é fundo; de onde tens essa água viva? Serás maior que nosso pai Jacó, que nos deu este poço, do qual bebeu ele mesmo, como também seus filhos e seus animais?”. Jesus respondeu: “Todo o que beber desta água, terá sede de novo; mas quem beber da água que eu darei, nunca mais terá sede, porque a água que eu darei se tornará nele uma fonte de água jorrando para a vida eterna”. Disponível em: <https://www.bibliaon.com/mulher_samaritana/> Acesso em: 08 fev. 2023.

5 Mas a própria não dualidade não tem apenas um viés de interpretação, como por exemplo no monismo religioso do judaísmo hassídico que funde o ideal da nulificação (aquietavos e sabeis que Eu Sou Deus”, a apófase de toda a agitação inautêntica em nós – se livrar do estar condenado a se mexer sem fim, sempre buscando a felicidade em objetos fora de nós mesmos, neste samsara como dizem os budistas – ao paneteísmo divino transcendente paradoxal através das dimensões internas da Cabala com ênfase na imanência divina panteísta em tudo, a começar pelas ações de bondade, pureza e alegria. Farei sobre este tema mais detalhadamente no item Ao me relacionar com o outro no capítulo 3 com algumas reflexões trazidas por Martin Buber ao tema.

palavras: esse Real é uma alegria sempre nova. São João da Cruz o nomeou de “as ilhas mais estranhas” em seu poema “O Cântico Espiritual”. É uma realidade que transcende intelecto e a linguagem,⁶ e que não pode ser definida. Mas quem a vivência sabe com toda certeza e inteireza deste Real ou Todo. E sabe também não existe nada maior que Ele em todo o universo. Afinal, a criação não é maior que o criador de todas as coisas.

Mil nomes são dados a Ele mas nenhum consegue o definir por completo, pois a linguagem humana é incapaz de pronunciar tal grandeza. Neste sentido, Mistério seria a palavra mais adequada a ser usada para o definir. A mente humana é incapaz de definir mesmo que em pensamento o que Deus é, até porque para isso teria que o objetificar, mas a essência de nada nem de ninguém pode ser dada por objeto, menos ainda do ser supremo criador de todos os seres e da essência de cada ser.

1.2 MISTÉRIO CRISTÃO COMO CAMINHO

Curt Sachs em sua monumental obra “*História Universal de la Danza*” cita na epígrafe da introdução as seguintes palavras atribuídas a Jesus Cristo segundo um hino gnóstico do século II: ‘Quem não dança desconhece o caminho da vida’. (1944, p.13) Nesta linha de raciocínio, em sua tese de doutorado “O Jogo da Dança Israeli”, Fernando Davidovitsch nos diz que:

Ainda que exista referências bíblicas sobre manifestações de danças pelos judeus, o fato de a religião judaica não permitir que se faça

6 No Livro “No Limiar do Mistério”, Sílvia Schwartz retoma a problemática epistemológica da Mística, descrevendo o importante debate entre os contextualistas, que defendem que a Mística as experiências são linguística e culturalmente mediadas, e os defensores da possibilidade de uma experiência religiosa consciente mas sem conteúdo, denominada ECP (Evento de Consciência Pura). É essa a última postura que Schwartz adota, a partir de Robert Forman: “o que ela [a Mística] oferece, ao final, não é uma verdade linguística, mas um caminho para descascar as camadas de ilusão e de autoilusão, e permitir que a presença interna não linguística reflexivamente se revele a si mesma: a consciência mostrando-se à consciência” (p. 436). Ver referências.

imagens e/ou estátuas de qualquer forma humana impediu que se tivessem registros sobre o corpo, o movimento e suas vestimentas. Sabe-se apenas, através de passagens textuais bíblicas, que as suas ocorrências se davam por motivos de festas, núpcias, culto divino e outros. As autoras Curiel e Edelman (1993) nos apresentam alguns trechos bíblicos que se referem a essas ocasiões. Destacam que a primeira citação à dança na história judaica bíblica foi sobre a profetisa Miriam no Mar Vermelho: 'E a profetisa Miriam, irmã de Aarão, tomou o pandeiro em sua mão, e todas as mulheres saíram atrás dela com pandeiros e danças' (Êxodo 15:20). Alguns versículos dos Salmos sugerem que no templo de Jerusalém a dança se praticava no culto divino: '...Louve Seu nome com dança; com pandeiro e harpa, cante para Ele...' (Salmos 149:3). Entre as danças festivas, encontra-se a dança dos vinhedos - '... e as donzelas de Israel saem e dançam nos vinhedos...' (Mishná, Taanit 4:8). Sobre o papel da dança nos ritos nupciais, os sábios discutiam "como dançar na frente da noiva" (Ktuvot 16:6). Há também trechos em que a dança aparece de forma implícita: '...os cantores iam na frente, os músicos atrás, no meio iam as donzelas com pandeiros'. (2022, p.55)

Cada um vivencia Deus de uma maneira específica, por isso, cada um o nomeia com a característica específica da vivência.⁷ A Mistério Judaico-Cristão, fala que onde Deus levava o seu Agir esse era o nome que se dava a Ele, como diz no artigo de Alaine Silva em "Deus segundo a bíblia",⁸ quando agiu com justiça foi chamado *yhwh-tsidkenu* que significa "O Senhor é a nossa Justiça"

7 É interessante destacar aqui o livro "Ibn 'Arabī: Os Segredos do Nomes de Deus" do Professor Pablo Beineito, profundo conhecedor do Islamismo e do Sufismo (a vertente mística do Islã). Na página da internet da Editora Attar pode-se encontrar um resumo do conteúdo dos comentários que Beneito faz sobre dois tratados de Arabī. O primeiro "Desvelamento do significado do segredo dos mais belos nomes de Deus" e o segundo "Comentários aos mais belos nomes divinos, conforme a descrição que se segue: "Quais são os nomes divinos? Qual o significado de cada um dos 'mais belos nomes de Deus'? Como deve o ser humano relacionar-se com cada um deles? Em que consiste a adoção de seus traços característicos? É a essas perguntas que o autor, na mestria de seu ensinamento – em que teoria e prática são indissociáveis – responde com comentários iluminadores. De acordo com o hadith frequentemente evocado por Ibn 'Arabī, Adão foi criado à imagem de Deus. Assim, na antropovisão sufi, o Homem Perfeito – que participa da natureza adâmica original e da 'Realidade muhammadiana' preexistente – é a síntese microcós mica da Criação, a um só tempo espelho, no qual a Realidade divina Se contempla, e pupila, pela qual Ele vê. Outro hadith citado por al-Sayh al-Akbar afirma que Deus era um tesouro escondido que queria dar-Se a conhecer. Ele criou, então, o homem para conhecê-Lo, e esse é, portanto, o nosso principal propósito. Esta missão de conhecer o Onisciente não pode ser dissociada da realização do amor divino. No entanto, o homem não pode amar e conhecer positivamente seu Criador como uma essência transcendente inalcançável. Foi pela revelação, portanto, que Deus ensinou ao homem Seus mais belos nomes, para que ele possa invocá-Lo e lembrar-se d'Ele. Disponível em: < <https://www.attar.com.br/product-page/o-segredo-dos-nomes-divinos>>. Acesso em: 02 jan. 23.

8 Disponível na página da internet: < SILVA Alaine, "Deus segundo a bíblia" – InfoEscola> Acesso em: 08 fev. 2023.

quando agiu pela Paz foi chamado *yhwh-shalom*, que significa “O Senhor é a nossa Paz” e assim por diante.

Ao mesmo tempo que me sinto completa com Deus, sinto que existe muito a ser vivenciado por mais que ainda não esteja pronta, pois esse corpo nos limita em muito a vivência total com o divino. Esse corpo físico e psíquico nos limita, por causa da nossa pequenez autocentrada que bloqueia a comunhão com o Todo. O ser humano em sua perda de sabedoria e lucidez tende esquecer Deus, que é Todo Poderoso e incalculável em tamanho e dimensão. Nesta contração autocentrada, o ser humano sofre e não sabe por que sofre. Ao passo que a expansão da consciência traz realização e felicidade.

Então, sou muito com Ele, pois Ele me dá força sem tamanho, paz imensurável e alegria que brota naturalmente dentro de mim. Esta alegria que surge sem porque – sem estar necessariamente ligado a um prazer sensorial - me faz lembrar de um poema de São João da Cruz quando ele diz: “Entrei onde não soube/ E quedei-me não sabendo Porém, quando ali me vi,/ Sem saber onde estava,/ Grandes Coisas entendi;/ Não direi o que senti,/ Que me quedei não sabendo,/ Toda a ciência transcendendo.” (2002, p.38).

Transcendendo todo o conhecimento. O divino tem muito mais a me levar. Vivendo neste doce encontro, vou e me aproximo mais e mais D’Ele. Quanto mais me aproximo D’Ele mais e mais me encontro perto de mim mesma, pois que o centro do Si- Mesmo é o próprio divino. Em outras palavras, o centro da alma é toda Deus. Desta forma, em minhas meditações sempre senti o divino como um eterno companheiro que está mais próximo de mim do que eu a mim mesmo, como diz Santo Agostinho: “Deus é mais próximo de mim do que eu de mim mesmo”.⁹

9 Disponível em:<<https://musica.cancaonova.com/formacao-para-musicos/reflexoes-de-santo-agostinho-deus-e-mais-proximo-de-mim-que-eu-mesmo/>> Acesso em: 08 fev.2023.

Esta caminhada de ficar próximo muito próximo ao Mistério, em minhas vivências de aproximação com a natureza divina me afasta do meu pequeno eu-errante para um Eu-Pleno. E este processo sempre será infinito. Nesta fusão sou plena no momento do encontro, instante eterno com o sobrenatural que me tira de mim para Ele viver em mim. Quando Ele vive em mim Eu Sou. Ele é o Eu Sou como diz em Êxodo 3:14:” Disse Deus a Moisés: "Eu Sou o que Sou. É isto que você dirá aos israelitas: Eu Sou me enviou a vocês". Esse é o nome que o próprio Deus se dá. Eu Sou! Aqui cabe revisitar esta passagem em Êxodo de a partir da análise que Sabetti faz da energia dentro do Judaísmo.

A concepção hebraica da energia vital estava estreitamente ligada às tradições ensinamentos de Deus que era considerado a totalidade dessa força dinâmica. Uma das mais importantes fontes para se entender esse relacionamento é a Bíblia. Devido ao seu estilo histórico entretanto, a Bíblia muitas vezes é mal interpretada como uma simples história dos judeus eruditos. Eruditos da Bíblia citam quatro níveis possíveis de interpretação: o histórico, o alegórico que equivale a um processo gradativo de evolução, o espiritual, o críptico no qual um código secreto de conhecimentos esotéricos está e o cabalístico este último nível se refere a um sistema de filosofia religiosa que é anterior a própria Bíblia e que tem suas raízes no antigo Egito. Além disso a Bíblia pode ser interpretada num quinto nível ou energético no qual estão detalhadas as leis e os princípios da energia vital (...) Examinaremos a Cabala. Cabala vem do hebraico qabal que significa receber e revelar às vezes conhecida como a sabedoria secreta acredita-se que a Cabala tenha sido transmitida de geração a geração desde o tempo de Moisés através dos iniciados ensinado secretos sobre a energia dessa antiga tradição e das interpretações mais recentes de seus significados surgiram alguns conceitos importantes do pensamento e do estilo de vida hebraicos no qual se refere a energia vital no pensamento judaico. Entretanto na Bíblia Deus como yahweh é descrito como ser inexprimível. As quatro letras que representam essa inexprimível idade são *yod*. Segundo o autor Jeff Love, Deus não é de fato um nome mas uma 'fórmula que descreve um processo universal' cada uma das letras expressa uma qualidade que é uma manifestação de Deus naquilo que se conhece como um tetragrama. *Yod* provê a base de todas as outras letras são simbolizadas por uma chama que representa a qualidade força que é considerada masculina e ativa também denota qualidade de tempo espécie através de uma sequência de forças; *Hay* a segunda letra denota o padrão de qualidade cuja existência depende da estrutura. Devido aos seus padrões de posicionamento ela também implica condição de espaço numa localização. A sua quarta posição *Hey* denota uma estrutura formal chamada forma que indica uma certa solidez ou substância conhecida na física como massa. A terceira letra *Wav* é que mais

interessa visto que representa a atividade na física. Essa qualidade de atividade está ligada a energia. Pode-se aludir ao conceito inexprimível de Deus indiretamente através das suas manifestações de força, tempo, padrão, estrutura espaço, forma, massa, atividade e energia. Como destacarei mais tarde a energia é o centro de todas as outras manifestações físicas, portanto Deus como símbolo e ponto de convergência equivale a totalidade das manifestações de energia que expressam diferentes quantidades grandes constelações ou níveis de energia vital. Na Bíblia onze nomes de Deus representam diferentes estados de consciência ou níveis de energia. Alguns desses nomes começam com *El* que é composto do primeiro símbolo hebreu *Aleff* e que significa Divino, Energia ou extravasamento de respiração e *Lamed* de quer dizer o que estimula. Portanto ele significa energia divina ou respiração que estimula. Usando o código cabalístico que descobriu, Samuel Brusque um pesquisador físico americano codificou *El Shaddai* um nome composto de Deus para representar a força vital equivalente ao *Prana* Hindu ou *Chi* que oriental dos chineses. *Elohim* significa mente e espírito e *Elyon* alma. *Elohim* o nome usado na criação do mundo pode ser visto como um princípio organizador das outras três manifestações vida espiritual pelo fato de ser masculino e feminino bem como plural *Elohim* expressa a harmonia energética de ambas as polaridades (*Ying/Yang; Shakti/Shiva*) bem como a totalidade do um proveniente dos muitos. Segundo a tradição alegórica todos os nomes bíblicos podem ser vistos como estágio da consciência e os lugares bíblicos são condições sobre as quais esses estados surgem. Uma das principais chaves para entender a antiga concepção hebraica da energia vital e seus dinamismos é o símbolo da árvore da vida (...) diagrama de fluxo de energia semelhante ao sistema de pontos e meridianos e ao sistema hindu de *nadis* e *chacras*. (1991, p. 37-39) (Grifos meus).

Entretanto, o trabalho presente não tem como intuito falar sobre religiões ou fazer um exegese profunda das escrituras sagradas da tradição judaico-cristã. A ideia é que todo relato religioso vem de uma experiência. Portanto queremos ficar neste estado de inauguração. Daí ser necessário remover abordagens teológicas para que fiquemos mais ligados ao mais íntimo mas e essencial vivência do ser com o divino diretamente. Na Bíblia Sagrada em Tiago 1:27 é dito que “a religião pura e imaculada diante de nosso Deus e Pai é esta: Visitar os órfãos e as viúvas nas suas aflições e guardar-se isento da corrupção do mundo”, então, me atarei a falar de Cristo que é um homem e é Deus.

O caminho para essa vida plena é a vida em Cristo. Tudo o mais será sempre impermanente. A comunhão e a percepção íntima de estar nos “Braços do Amado”, de viver a certeza da presença em um Deus amoroso, que é um pai perfeito que nos ama incondicionalmente vem através da vida imanente do divino refletido em toda criação - Cristo. A trindade cristã Pai-Filho-Espírito Santo são

aspectos de uma só e mesma realidade. Então quando me refiro a qualquer um deles me refiro ao mesmo divino.

É o Caminho, a Verdade e a Vida como diz em João Evangelista em 14:6 na Bíblia Sagrada, utilizando-o como exemplo de vida e de como chegar a esse equilíbrio que estamos alcançando e o perdendo em toda a nossa caminhada de vida. Dessa forma, vivenciando o caminho no divino que nos ajuda e socorre todas as vezes que nos encontramos em desequilíbrio nos tomando novamente para si, mostrando o seu caminho em perfeição. É por isso que entramos em constante desequilíbrio, por sermos seres que nos desligamos deste fluxo maior, mas buscando naquele que é perfeito o equilíbrio emocional e psíquico para termos uma vida mais constante e plena em totalidade de espírito. Assim, para que mentecorpo não adoçam, é necessário haver uma sintonia fina com este fluxo maior de vitalidade e que tem o poder nos equilibrar com saúde e bem-estar. Penso ser este o sentido que a dança também pode nos proporcionar quando a praticamos como um ato de integração físico, mental, emocional e espiritual.

Nos últimos anos, cada vez temos presenciado uma convergência entre o domínio e os estudos da mística em religiões comparadas aos paradigmas das ciências contemporâneas. Vamos analisar brevemente no próximo item estas conexões.

1.3 CORPO E A DIAFANIA DO ESPÍRITO

Em sua obra “O Meio Divino”, Teilhard Chardin fala de um diafania de Deus no universo tal como foi apontado por Faustino Teixeira quando diz citando Teilhard:

O grande mistério do cristianismo não é exatamente a Aparição mas a Transparência de Deus no Universo. A luz da perspectiva mística cristã, todo o universo vem 'banhado de luz interna que lhe intensifica o relevo a estrutura e as profundezas` Não há como escapar dessa

diafania divina que a todos envolve e que transparece no mistério da criação. O ser humano vive mergulhado nesse 'meio divino' embora nem sempre se dê conta disso. Para ser capaz de ver Deus em todas as coisas é necessário uma 'educação da vista'. De fato para aquele que sabe ver, 'nada profano nesse mundo' basta romper o círculo da superficialidade e das aparências, ultrapassar o ritmo dos nomes e formas para ser capaz de desvendar o Divino que transparece por todo canto: 'por toda a parte a volta de nós à direita à esquerda atrás e adiante abaixo e acima é o mistério Divino sempre já aí a assediar penetrar e modelar o ritmo da criação. (2021, p. 153)

Teilhard foi um padre jesuíta e geopaleontólogo importante no debate entre a Teoria da Evolução e Cristologia. Ele estava familiarizado com as evidências geológicas e fósseis da evolução do planeta e da espécie humana.

No cerne da questão está a visão filosófica, teológica e mística de Chardin a respeito da evolução de todo o Universo, do caos primordial até o despertar da consciência humana sobre a Terra, estágio esse que, segundo ele, será seguido por uma Noogénese, a integração de todo o pensamento humano em uma única rede inteligente que acrescentará mais uma camada em volta da Terra: a Noosfera, que recobrirá todo o Biosfera Terrestre. A orientar todo esse processo, existe uma força que age a partir de dentro da matéria, que orienta a evolução em direção a um ponto de convergência: o Ponto Ômega. Teilhard sustentava a ideia de um Panenteísmo cósmico: a crença de que Deus e o Universo mantém uma criativa e dinâmica relação de progressiva evolução.¹⁰

Impossível não citar a sua Missa do Altar do Mundo. Esta oração brotou do seu coração quando ele se encontrava em pleno deserto dos Ordos, no decorrer de uma expedição. Sentiu um forte chamado para celebrar a missa. Tudo indica que era o dia da Transfiguração, festa que Ihe era particularmente querida. Pôs-se então a refletir sobre a irradiação da Presença Eucarística no Universo.

Oferenda

Visto que, uma vez mais, Senhor, já não nas florestas do Aisne, mas nas estepes da Ásia, não tenho nem pão, nem vinho, nem altar, elevar-me-ei acima dos símbolos até à pura majestade do real, e oferecer-vos-ei, eu, Vosso sacerdote, no altar da Terra inteira, o trabalho e a dor do Mundo. O sol acaba de iluminar, ao longe, a franja extrema do primeiro Oriente. Uma vez mais, sob o pano movente dos seus lumes, a superfície viva da terra desperta, estremece, e recomeça o seu labor tremendo. Colocarei na minha patena, ó meu Deus, a colheita esperada deste novo esforço. Derramarei no meu cálice a seiva de todos os frutos que serão hoje esmagados. O meu cálice e a minha patena são as profundidades de uma alma largamente aberta a todas as forças que, dentro de um instante, se elevarão de todos os pontos do Globo e convergirão a

10 Trecho extraído da página da Wikipédia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Teilhard_de_Chardin> Acesso em: 26 dez. 22.

caminho do Espírito. (...) Sem abalo, sem trovões, a chama tudo iluminou pelo lado de dentro: Do coração do menor átomo à energia das leis mais universais, invadiu de maneira tão natural, individualmente e no seu conjunto, cada elemento, cada mola, cada ligação do nosso Cosmos, que este, quase poderíamos julgá-lo, como que espontaneamente se inflamou. (...) grandes águas da Matéria, sem um frêmito, carregaram-se de vida. Nada estremeceu, aparentemente, sequer sob a transformação inefável. E, contudo, misteriosa e realmente, ao contacto da Palavra substancial, o Universo, imensa Hóstia, fez-se Carne. Toda a matéria passou a ser encarnada doravante, meu Deus, por meio da Vossa Encarnação. Como o monista, mergulho na Unidade total, mas a Unidade que me recebe é tão perfeita que nela sei achar, perdendo-me, a conclusão última da minha individualidade. Como o pagão, adoro um Deus palpável. Chego a tocá-lo, esse Deus, em toda a superfície e toda a profundidade do Mundo da Matéria em que me encontro tomado. Mas, para o captar como quereria (para simplesmente continuar a tocá-lo), preciso de ir sempre mais longe, através e para lá de toda a apreensão, sem jamais poder repousar em nada, a cada instante transportado pelas criaturas e ultrapassando-as a cada instante, num acolhimento contínuo e num contínuo desprendimento.

Ordos, 1923

(Fragmentos selecionados da Formatação de Frei Basílio de Resende, 2021)¹¹

Neste momento é interessante citar que a visão de Teilhard influenciou em muito o pensamento de Leonardo Boff e sua reflexão sobre a integração entre a espiritualidade e as novas concepções científicas. A partir da física quântica, da biologia, da termodinâmica, da psicologia profunda, da psicologia transpessoal e da ecologia; emergiu uma concepção de realidade como sendo uma rede complexíssima de campos energéticos e mórficos, como sendo uma espécie de dança cósmica ou teia de originação interdependente. (BOFF, 2010)

É importante mencionar que o filósofo, teólogo e educador Huberto Rodhen¹² também foi muito influenciado por Teilhard de Chardin. E por sua vez, Rodhen teve influência direta no pensamento sobre a dança de Helenita Sá Earp. Por quê? Nesta postura, rompe-se o dualismo e tudo passa a ser o Meio Divino. Assim matéria é a face metamorfoseado do espírito e espírito é a face

11 Disponível em: < <https://www.freibasilioderesende.org/post/teilhard-de-chardin-a-missa-sobre-o-mundo-em-portugu%C3%AAs-franc%C3%AAs-e-ingl%C3%AAs>> Acesso em 13 dez. 22.

12 Huberto Rohden (1893 - 1981) foi um filósofo, educador e teólogo catarinense, radicado em São Paulo. Precursor do espiritualismo universalista, escreveu mais de 100 obras (ao final da vida, condensadas em 65 livros), onde franqueou leitura ecumênica de temáticas espirituais e abordagem espiritualista de questões pertinentes à Pedagogia, Ciência e Filosofia, enfatizando o autoconhecimento, autoeducação e a autorrealização. Disponível em: <[www.http://pt.wikipedia.org/wiki/Huberto_Rohden](http://pt.wikipedia.org/wiki/Huberto_Rohden)>. Acessado em: 3 dez. 2022.

metamorfoseada da matéria, tal como concebidas na ambivalência complementar da onda e partícula da Física Quântica.

Boff (2004, p. 371) não deixou de enfatizar esta visão quando comentou o evangelho apócrifo de Tomé. “Disse Jesus: Eu sou a luz, que está acima de todos. Eu sou o ‘Todo’. O Todo saiu de mim, e o Todo voltou a mim. Rachai a madeira – lá estou eu. Erguei a pedra – lá me achareis” (Tomé:77) Neste postura, na visão do Cristo Cósmico tudo o que “é”, é fruto da prática da coexistência, enquanto trama de acontecimentos cósmicos interdependentes. (MICHELAZZO, 201)

Essa também foi a tese principal de "O Cristo desconhecido do hinduísmo" de Raimon Panikkar.

Cristo e seus ensinamentos não são, defende Panikkar, monopólio ou propriedade exclusiva do cristianismo visto como uma religião histórica. Pelo contrário, Cristo é o símbolo universal da unidade divino-humana, a face humana de Deus. O cristianismo se aproxima de Cristo de uma forma particular e única, informado pela sua própria história e evolução espiritual. Mas Cristo transcende amplamente o cristianismo (...) porque é um nome que pode e deve assumir outros nomes, como Rama ou Krishna ou *Ishvara*” (IHU, 2010)

As três principais áreas da teologia são Deus, o homem e o cosmos. A realidade é "cosmoteândrica", como previsto por Panikkar. É uma visão da realidade que vê o universo (*Cosmos*), Deus (*Theos*) e o humano (*Anthropos*), como uma realidade, onde Deus, o humano e a natureza se encontram. Este universo é um todo integrado, onde o cosmos, Deus e o humano não são mais três entidades diferentes e independentes, mas constituem uma unidade diferenciada no sentido da *Advaita Vedanta* (não dualidade). Esta visão cosmoteândrica nos permite entrever que estamos dentro de sistemas sempre abertos, cuja organização permite galgar patamares mais altos de complexidade. Cada sistema se encontra num jogo de interações, numa dança de trocas de matéria e de energias. O universo se cria e se diferencia, a partir da energia, da matéria e da informação inicial, à medida que avança. Nele atuam o princípio

cosmogênico e da autopoiesis, em uma dinâmica como sistemas abertos cada vez mais ordenados e criativos.

A própria desordem – caos é um indício de uma nova ordem que vai emergir. Uma proposta de compreensão qualitativa do corpo dentro do paradigma da ciência do Caos permite ser instaurada. Trata-se, por excelência de um sistema caótico transiente, tendo como fator agregador de coerência e ação criadora - *poiesis* - a percepção de estruturas invariantes que ressoam em múltiplos, jogos em n agregados relacionais combinatórios não determinísticos.

Haveria por assim dizer uma ressonância multidimensional deste holismo relacional na própria estrutura da fisicalidade do corpo humano, com as nas dimensões afetivas e mentais da pessoa e aqui da pessoa que dança, e, em maior escala, na cultura humana. É de grande interesse o desenvolvimento e a compreensão de como as dimensões da corporeidade ressoam, em uma escala múltipla de movimentos, caóticos ou ordenados, em diferentes camadas, do corpóreo ao psiquismo individual e coletivo e ao inefável como falamos anteriormente. Compreendendo, assim, a nossa existência biológica, cultural e espiritual dentro do entendimento da Epistemologia da Complexidade. A ideia trazida por Morin (1996), se funda no pensamento de que “tudo está em tudo reciprocamente”. Ele exemplifica como o macro está no micro.

Cabe lembrar que Gaston Bachelard (1884-1962) trouxe para o pensamento filosófico do século XX um materialismo que vai ao encontro destas visões de Panikkar e de Chardin citadas anteriormente. Pois Bachelard reflete sobre a epistemologia em “O Novo Espírito Científico”¹³ profundamente impactado com o tema da análise da matéria compreendida na ambivalência de partícula e onda da física quântica. Assim como em sua epistemologia, as forças da natureza também são lugares prenhes de dinâmicas que provocam a

13 Livro publicado em 1934.

imaginação das forças e que nos permitem ligar seu pensamento também com a dança e com os elementos da natureza. Tudo isto se liga com um conjunto de transformações importantes que aconteceram nas artes na passagem do século XIX para o século XX e que ainda ressoam até os dias de hoje neste nosso século XXI.

2. DANÇA E ESPIRITUALIDADE

Encontramos ao longo do final do século XIX e início do século XX o surgimento da dança moderna como uma busca pelo originário que se expressou nos esforços de François Delsarte e na dança do coração de Isadora Duncan¹⁴. No prólogo de sua autobiografia intitulada “Minha Vida” há uma menção que o sistema de ensino de Duncan: “não se pode resumir só a um método ou programa, pois a chave é o Mestre, o fogo espiritual, as palavras cheias de vida e significado que vão modelando a alma do discípulo e avivando o seu fogo interior. Quando um discípulo de Platão em Siracusa, Dion, quis resumir o ensinamento do Mestre da Academia num manual que sintetizasse o seu pensamento, Platão disse que isso seria um erro grave, que o importante era

14 No prólogo da edição para *E-book* da autobiografia *Minha Vida* de Isadora Duncan há uma menção que: “O seu sistema de ensino não se pode resumir só a um método ou programa, pois a chave é o Mestre, o fogo espiritual, as palavras cheias de vida e significado que vão modelando a alma do discípulo e avivando o seu fogo interior. Quando um discípulo de Platão em Siracusa, Dion, quis resumir o ensinamento do Mestre da Academia num manual que sintetizasse o seu pensamento, Platão disse que isso seria um erro grave, que o importante era despertar a vida interior do discípulo, a sua chama sagrada. Duncan, Isadora. *A Minha Vida* (p. 8). Edição do Kindle. Aqui me refiro aquela conhecida passagem nos escritos de Duncan quando ela diz:” Passei longos dias e noites no estúdio, procurando aquela dança que poderia ser a divina expressão do espírito humano, através do movimento do corpo. Durante horas permanecia imóvel, as mãos unidas entre os meus seios, cobrindo o plexo solar. A minha mãe ficava muitas vezes alarmada ao ver-me permanecer por longos intervalos de tempo perfeitamente imóvel, como se estivesse num transe – mas eu estava à procura e finalmente descobri, a mola central de todo o movimento, a cratera de potência do motor, a unidade de onde todas as diversidades dos movimentos nascem, o espelho de visão para a criação da dança – foi com esta descoberta que nasceu a teoria sobre a qual fundei a minha escola. procurei que a fonte da expressão espiritual fluísse pelos canais do corpo, preenchendo-o com luz vibrante – a força centrífuga que reflete a visão do espírito. Duncan, Isadora. *A Minha Vida* (p. 77). Edição do Kindle. (2016, p.77)

despertar a vida interior do discípulo, a sua chama sagrada.” (FERNANDEZ, 2016, p.8)

Neste contexto também podemos situar as imersões na espiritualidade hindu que Ruth Saint Denis fazia, por exemplo. Rudolf Laban, como aponta John Foster (19xx) foi profundamente influenciado por Delsarte, mas também por Rudolf Steiner que preconizava uma educação humana baseada na visão trimembrada do ser humano, onde o sentir, pensar e o fazer devem ser desenvolvidos harmoniosamente em conjunção com sua visão das forças etérico-plasmadoras¹⁵ do espiritual na vida do ser humano. Todas estas matrizes de pensamento vão de certo modo estarão presentes na vida de Helenita Sá Earp e em suas concepções sobre a dança.

2.1 NATUREZA COMO CAMINHO ESPIRITUAL EM DANÇA

O artigo “Corpos Híbridos: a Fotopoética como caminho da Ecoespiritualidade na Dança” aponta que:

Em seus estudos sobre o imaginário, Bachelard enfocou diferentes tipos de devaneios ligados a imaginação do movimento, do contato do corpo com a água, ar, terra e fogo, da memória, da cosmicidade, entre outros. Embora Bachelard (1994) tenha se dedicado notadamente a poesia com escritos sobre as artes plásticas, no artigo “Fragmentos de um diário de um homem”, pode-se apontar elementos no terreno da teoria teatral. A despeito da inexistência literal sobre a dança nos seus escritos, ele enfocou diferentes devaneios ligados à imaginação do movimento, da vontade em todo labor do corpo a corpo no embate contra as resistências dos diferentes meios materiais de expressão, da memória, dos elementos água, ar, terra e fogo, da cosmicidade, entre outros. No exame das forças da imaginação dinâmica comentou sobre o trabalho corporal de diferentes ofícios, como citou esforços ligados ao ato de

15 “A Antroposofia, o corpo de conceitos derivados da Ciência Espiritual, coloca o *Antrophós* (Homem) como participante efetivo do mundo espiritual através de seus corpos superiores, tornando assim evidente no mesmo o conceito do *Theós* (Deus). A Ciência Espiritual é o meio de experiência consciente direta com o mundo espiritual. Seus adeptos a consideram uma forma de ciência, pois, para entendimento deles, seus resultados podem ser verificados por qualquer um que se dispuser a se preparar neste sentido por meio do trabalho interior. Trata-se, por isso, de um conhecimento exato possível de ser acessado pelo pensar, desde que ele seja desenvolvido para tal pelo trabalho diário (exercício de concentração, revisão da memória, ação pura, percepção pura, etc.)” Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Rudolf_Steiner > Acesso em: 26 dez. 22.

escalar, de nadar, do martelar musical do ferreiro, da mão amassadora, do movimento preciso do gravurista; numa ode de celebração dos ciclos rítmicos vitalizantes. Bachelard (1991) na sua vertente poética, também propõe a corporeidade no centro do caminho de um materialismo ativo, das experiências cósmicas e tónicas, promovendo um enraizamento monista do ser humano com a natureza. A partir de Bachelard (2000) compreendemos que a criação é viver o risco de buscar alterar as imagens e valores conceituais estabelecidos. Dentro da perspectiva bachelardiana as possibilidades brotam a partir da imersão devaneante em imagens imaginadas que portam valores de inovação do movido e do movente frente ao ato de dançar. Assim, desta forma, as imagens na perspectiva bachelardiana não são instantâneos moventes prévios, mas sim energias informes que dinamizam o ser que dança. Uma vez que a nossa consciência permanece ativa quando devaneamos, isto significa que os nossos devaneios pensam. Forma-se, em nós, uma consciência imaginante que engloba toda uma potencialização poética da corporeidade. Essa visão bachelardiana se entrelaça com a noção de corpo ambiental de Helenita Sá Earp onde se vive uma dança onde “tudo está conectado”. Assim há uma interconectividade entre a corporeidade humana e os outros tipos de corporeidade do universo. (MEYER, EARP, 2020, p. xx)

Esta reflexão sobre a simbologia onírica e alquímica dos elementos na filosofia das imagens de Bachelard nos leva a celebrar a vida íntima da matéria como dimensões muito mais refinadas do que a visão corrente de que a matéria é apenas lugar de erro e queda.

Isto nos permite relacionar a corporeidade do ser humano com a corporeidade de árvores, ventos, terra, água como veremos acontecer nos ensaios videocoreográfico que compõem o capítulo 3 deste estudo.

Todavia antes de adentrar nestes aspectos do estudo, vamos refletir como a dança pode ser suporte deste caminho de intimidade do meio divino através da natureza, tal como os estudos de Helenita Sá Earp permitem entrever.

2.2 SAGRADO NOS FUNDAMENTOS DA DANÇA DE HELENITA SÁ EARP

Helenita Sá Earp faz parte das tradições delsartinana e labaniana, que permite entreve a dança como sendo um fluxo de movimento que emana da infinitude do Ser e que se expressa em sendo a cada vez em que nos movemos.

Todavia falar do infinito, do invisível, do inefável é uma tarefa difícil. Mais difícil ainda é falar desse tema em dança pois o movimento fala por si. Entretanto relatar o que está sendo vivenciado de fato em cena, por meras palavras, talvez não perpassasse totalmente a experiência vivenciada.

A pedagogia de Helenita Sá Earp, com suas metodologias abertas nos indica um caminho da técnica criativa – um saber fazer que tem que andar junto e com o saber originar. Em sua visão a corporeidade é constituída por várias dimensões interconectadas mentecorpo; individuo-grupo, matéria-energia e movimento-cultura.

A profundidade do conhecimento, quando estudado seriamente e a fundo, traz a vivência da Unidade na Multiplicidade e da Multiplicidade na Unidade. Em outras palavras do Fluxo e da Forma. O Todo é conhecimento do Uno como um estado de integração total do ser consigo mesmo (*Awareness*), com o outro e o meio ambiente, tal como nós de relações em aberturas infinitas. Isto nos causa uma imersão poética direcionada pela atmosfera criada no instante em que cada ato quer se tornar manifestar.

Com base nas ideias de Rodhen, a dança, segundo Helenita, revela ser uma profunda unidade na mais vasta diversidade. Por este pressuposto compreende-se que todo fenômeno é uma particularização do infinito. Todas as formas vêm do fluxo do infinito como particularizações deste. Particularidades que em si mesmas estão permeadas pela presença da fonte infinita da qual emanam, onde todos os múltiplos flutuam, aparecem e desaparecem. (MEYER, EARP, 2019, p.140)

Com base na afirmação “Todas as formas vem do fluxo do infinito”, tomo-a como inspiração para a minha prática, já que entra em íntima conexão com o tema trabalhado nessa pesquisa. Uma vez a pesquisa em dança vem de um fluxo criador, podemos ligar este fluxo com uma potência – um abismo gerador de tudo, todas as coisas, em outras palavras, o infinito ou Deus.

Esta fonte geradora de energia é a causa de toda inspiração desse memorial. Fonte que perpassa a essência da natureza como criação divina e irmã nossa, pois fomos feitos pelo mesmo Pai-Mãe Criador-Criadora de todos os seres. Assim este memorial é fruto de uma intensa vivência contemplativa. Uma busca e um encontro de mim comigo mesma e com tudo que me cerca. Chegar a este “lugar” mais alto que poderei chegar, em movimentos e em dança com o “Pai Criador” e a “Mãe Natureza” de todos nós. E desta forma que sinto e interpreto os ensinamentos de Helenita Sá Earp e como estes puderam subsidiar minhas pesquisas em dança. Assim chego a este “lugar” de encontro, que Helenita chama "presença da fonte infinita da qual emanam, onde todos os múltiplos flutuam, aparecem e desaparecem" (MEYER, EARP, 2019, p.140) Neste flutuar, encontrei no decorrer do trabalho prático, o caminho para vivenciar o estado onde tudo para, e finalmente chego a um momento de êxtase e totalidade de mim mesma n´Ele, o Aba (paizinho amado) me entregando aos seus cuidados e completo amor em Movimento, Espaço, Forma, Dinâmica e Tempo. Isto fica mais nítido ainda quando fica dito:

A dança inerente a todos os seres deve ser realizada aqui e Agora, uma re-ligação constante do ser humano com o universo. É um sentir, é um pensar, é um fazer em integração. É estar em conexão com tudo e com todos, é viver na consciência do princípio gerador de todas as coisas, é expressar o belo em atitudes sem condicionamentos e pré-conceitos. (MEYER, EARP. 2019, p. 143)

Uma vez que como manifestação da arte em movimento, a dança em suas variadas e ilimitadas expressões requer o desenvolvimento de um processo técnico e pedagógico aberto que permita o eclodir das possibilidades corporais vejamos como podem ser relacionadas estas dimensões de transcendência e imanência no corpo em movimento através das forças da natureza.

Quando os livros sagrados falam de Deus na natureza, eles se referem a seus atributos. Mas ainda assim todos estes atributos, por mais grandiosos e maravilhosos apenas expressam a fonte da qual emanam. Pois nada entre coisas pode-se comparar e nem se aproximar de ser divino. Somente sua criação

pode ser demonstrada, e ainda assim, não expressando totalmente o que é o ser divino em totalidade.

As águas fluentes são ditas com águas-vivas, não se referindo ao animal “águas-vivas”, mas como sendo vida em si na própria água. Águas que lavam, que curam, águas que correm no seu fluir. (João 7:38)

Os ventos são comparados aos anjos que são transporte do seu criador (Bíblia Sagrada, Hebreus 1:7). Asas dos ventos. Esse mesmo vento que leva tudo o que é mal e impuro para longe quando passa. O vento que traz o espírito de vida quando soprado no primeiro homem, Adão. Na Bíblia Sagrada, Genesis 2:7). O vento que traz o espírito de Deus como vento impetuoso em Pentecostes para as pessoas reunidas naquele lugar a espera do manifestar de Cristo depois de subir a Deus (Atos 2:1).

Nas árvores há o fruto que dá no tempo certo. Árvore que tem raízes firmes na terra. Que floresce e se torna grande. Árvore (videira) verdadeira que enxerta ramos fazendo com que renasça em si uma nova planta ou uma nova parte (Bíblia Sagrada, João 15:1,2).

Unidade do homem com Deus. Ser Um com o Criador. Mesmo muito menor se torna semelhante ao divino podendo sentir sua presença em espírito e ser movido por esse ser que é o maior entre todos os seres. O criador de tudo que é vida (Bíblia Sagrada, Coríntios, 12:12,13).

Tudo isso fala da vida imanente. E nada disso o define mas mostra em parte quem Ele é. O criador deixou sua digital em tudo o que fez, então toda a criação tem parte D´Ele. Uma parte muito pequena como os filhos têm parte do pai mas não são o pai. Assim como se pode encontrar rastros do pai em um filho pelo seu código genético, pode-se por analogia encontrar o Deus no aspecto Pai – através de sua presença imanente no Filho - Cristo espalhado em toda criação pelo Espírito Santo na natureza criada. Desta forma, não há uma dualidade entre criador e criatura, mas sim uma contínua linha de comunhão. Isto foi bem

expresso por Paramahansa Yogananda em seus comentários sobre os ensinamentos de Jesus Cristo quando disse:

Objetos materiais conhecidos como sensações de visão, audição, olfato, paladar e tato são constituídos por um jogo de forças que se originam e existem além das capacidades de observação da consciência humana. A origem incipiente de todas as formas e vibrações materiais reside na Consciência Cósmica. A matéria é energia física condensada; a energia física é energia astral condensada; e a energia astral é a força de pensamento prototípica condensada de Deus. Portanto, a Consciência Cósmica está escondida dentro e atrás das camadas de matéria, energia física, energia astral e pensamento ou consciência. Assim como no macrocosmo, também no microcosmo do corpo humano: a Consciência Cósmica, marcada por uma alegria e imortalidade sempre novas, é a criadora da consciência humana e, como tal, reside nela. Da infinita Consciência Cósmica foram concebidas as almas individuais; essas ideações individualizadas do pensamento de Deus foram encobertas em duas outras camadas de manifestação externa pela condensação das forças causais magnéticas da consciência no corpo astral da energia vital luminosa e no corpo mortal de carne e osso. Assim, o reino de Deus não está separado do reino da matéria, mas está dentro dele - permeando-o de forma sutil como sua origem e sustentador - e além dele, existindo nas mansões infinitas do Pai além do cosmos físico circunscrito. (2016, p.128 e 129)

Podemos contemplar sua beleza e trazer a sua presença divina nessa contemplação fazendo com que o próprio criador se faça presente na contemplação da criação pois sua essência está ali. Mas tudo depende da intenção. Se a intenção ao ver o natural é somente ver o denso que aparece não veremos o a fina presença de uma fonte sutil ali se manifestando. Mas se a intenção é sentir e ver esta fonte sutil contemplaremos que no natural algo que vibra e existe alguma chance de conseguir ver esta fonte, mas não com toda certeza pois não depende só do meu querer, depende do próprio criador querer se fazer presente no momento, se relevar. Para isto, há de se ter pureza de coração. No Sermão da Montanha, o Senhor Jesus expressou esta verdade da seguinte forma: “Bem aventurados os puros de coração, pois estes verão a Deus” (Mateus 5:8). Assim ver a Deus é a capacidade de no momento da contemplação - tanto do sentir quanto do olhar - de intuir a totalidade, não só ver o aspecto físico, mas todo o vórtex de forças que ali estão presentes - corpo/mente/alma/espírito e assim ser simplesmente aquilo que se é - inteiro como o criador é.

Para ver a Deus na vida criada primeiro o homem precisa contemplar a si próprio vendo-se como filho e criação divina. Sentir a digital do criador em si, o seu toque. Saber que é criação como as outras, mas semelhante a Deus. Sentir-se parte da natureza, com a singularidade de ter a consciência de poder ser consciência da consciência uma que tudo permeia. Somente integrado a essa natureza pura, sua essência de vida, o ser primordial sem contaminação com as coisas criadas por ele mesmo. O homem cria vida e é uma felicidade enorme criar vida de si, mas sem o fôlego de vida, sem o sopro trazido pelo criador divino, nenhuma vida sobrevive. Então, para ser independente de Deus o homem passou a criar coisas que não tem vida, coisas que substituem ou se dizem melhor que a criação que é vida. Coisas que ajudam sim a humanidade de um certo ponto de vista, mas tiram a vida da natureza para trazer uma certa “civilização”. Que nos tira de contemplar o que já existe para admirar e viver pelo que o homem extrai e diz ser criador de algo. Algumas perguntas sempre cintilam em mim:

O que sou eu sem você?
Como posso viver sem te ter?
Como sentir o seu sopro que me traz um arrepio?
Como saber que não estou só mesmo “sozinha”?
Como ser capaz de voar ao olhar para o horizonte e saber que sou livre?
Como surge a criação, o novo, o antes não visto, o sentir o que nunca se havia sido sentido?
Como estar face a face, enxergar o novo, viver o novo, se abrir para o novo, se deixar perguntar sem precisar responder, viver, encontrar respostas não definidas e não ditas com a boca mas com a própria pergunta, com movimento da pergunta se respondendo sem resposta?

Na tentativa de encontrar algumas respostas fui buscar na leitura de Martin Buber¹⁶, algumas respostas. Neste autor encontrei a seguinte ideia:

16 Martin Buber (1878 – 1965) foi um filósofo, escritor e pedagogo, austríaco e naturalizado israelense, tendo nascido no seio de uma família judaica ortodoxa de tendência sionista. Buber era poliglota, em casa aprendeu ídiche e alemão; na escola judaica, estudou hebraico, francês e polonês/polaco. Sua formação universitária deu-se em Viena. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Martin_Buber> Acesso em: 13 de dezembro de 2022.

o ato essencial da arte determina o processo pelo qual a forma se tornará obra. O face-a-face se realiza através do encontro; ele penetra no mundo das coisas para continuar atuando indefinidamente, para tornar-se incessantemente um isso, mas também para tornar-se novamente um Tu irradiando felicidade e calor. A arte 'se encarna': seu corpo emerge da torrente da presença, fora do tempo e do espaço, para a margem da existência. (1974, p. 16)

A essência da arte é se deixar ser criada através de um encontro com ela mesma para que ela se torne uma forma a qual será expressa como um ser objetificado para poder ser visto e demonstrado no mundo de coisas, mas ela não é desse mundo e logo que vem a inspiração ela retorna para o lugar de onde veio como essência. No encontro com a arte, é que a vivenciar para após o encontro podermos com a sua inspiração criar algo que a expresse objetificando-a para que outros possam ter uma ponta de visão do que é essa vivência podendo contemplá-la, mas somente quem vivência é completamente atravessado por ela.

Também busquei respostas as minhas indagações no livro de Angelus Silesius intitulado "Peregrino Querubínico"¹⁷ Nesta obra Silesius cita caminhos no que praticamente abolem a dicotomia natural-sobrenatural. Precisamos entender isto melhor. Silesius foi um místico que viveu no século XVII. Suas experiências místicas o permitiram sentir a presença divina espalhada em todas as coisas. Quando falamos no Meio Divino de Teilhard, suas ideias praticamente aboliram a teologia de dois pavimentos – natural e sobrenatural – mas demonstram e formam um único princípio estendido em todas as coisas.

A Enciclopédia Britânica *Eleventh Edition* identifica esses epigramas como *Reimsprüche*— ou *distichs* rimados — e os descreve como (...) *incorporando* um estranho panteísmo místico extraído principalmente dos escritos de Jakob Böhme e seus seguidores. Silesius encantou especialmente nos sutis paradoxos do misticismo. A essência de Deus,

17 *Der Cherubinischer Wandersmann* ("O Peregrino Querubínico"), uma coleção de 1.676 poemas curtos, na maior parte versos alexandrinos. Sua poesia explora temas de misticismo, quietismo e panteísmo dentro de um contexto católico ortodoxo. É uma poesia "que requer tudo do leitor: reflexão, sensibilidade, vivência mística. Ela pede muito e, em troca, dá muito: alargamento da consciência, verdadeira embriaguez e revelação da riqueza infinita do real. A rosa, um verme qualquer, as estrelas, o canto dos pássaros, tudo é veículo de graça e salvação e símile da própria alma que contempla. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Angelus_Silesius> Acesso em: 26 dez. 22.

por exemplo, ele tinha que ser amor; Deus, ele disse, não pode amar nada inferior a si mesmo; mas ele não pode ser um objeto de amor para si mesmo sem sair, por assim dizer, de si mesmo, sem manifestar seu infinito de forma finita; em outras palavras, tornando-se homem. Deus e o homem são, portanto, essencialmente um. A natureza foi criada por Deus, por isso ao contemplá-la, vivenciá-la nos achegamos a Ele de uma forma que o sentimos mas sabemos que é parte de Deus e não Deus. Assim como nós, que também somos criação do divino.¹⁸

Huberto Rodhen explica bem sobre esta questão quando diz: “Em face da onipresença do Infinito é evidente que todos os finitos estão presentes no Infinito e que o Infinito está presente em todos os finitos.”¹⁹

Neste contexto então o que seria a Graça de Deus? A pura dádiva. Mas para que a graça possa ocorrer é preciso haver entrega. Deixar ser tocado, abrir-se a vivência, libertar-se do querer autocentrado, para que ela te mostre o que é vida em plenitude e te abra acesso intuitivo²⁰ ao não visto. E assim nos tornamos capazes de ter a sensibilidade intuitiva para ver o “Deus do mundo nos muitos mundos de Deus” (RODHEN, passim) Tudo que é criação divina, tudo é caminho, vivência total do ser em estado de entrega e plenitude. Ele também fala sobre como encontrar esse caminho para se achegar a Deus.

Para esse mergulho em Deus é necessário vencer a barreira do eu. Quando se rompe o egocentrismo o mundo pode ser admirado com os olhos de Deus. Mas há que lutar contra esse inimigo mais duro, e ‘que mais lentamente se vence’ (PQ III,233). Mas quando se supera essa barreira, o coração ‘recebe Deus’ e diante dele ‘se abre como a rosa’ (PQ III, 87).

Sem negar a nossa natureza corrompida, o ego humano, não podemos ter esse contato com esse núcleo saboroso da alma humana. Para enxergar e abraçar a natureza devemos habitar a própria essência do criador, de como

18 Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Angelus_Silesius> Acesso em: 26 dez. 22.
19 Disponível em: <https://www.pensador.com/autor/huberto_rohden/3/> Acesso em: 02 jan. 23.

20 Para Henri Bergson (1859-1941) a intuição significa apreensão imediata da realidade por coincidência com o objeto. Em outras palavras, é a realidade sentida e compreendida absolutamente de modo direto, sem utilizar as ferramentas lógicas do entendimento: a análise e a tradução. Somente a intuição pode garantir uma coincidência imediata com o real sem o uso de símbolos nem de repartições analíticas. A intuição pode ser entendida, portanto, como uma experiência metafísica. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Henri_Bergson> ; Acessado em: 05 jan. 23.

fomos criados, puros feitos a sua imagem e semelhança. Em Gênesis 1:26 isto é assim descrito “Deus disse: ‘Façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança”. Assim a natureza é. Somente assim podemos, como diz o texto, “admirar com os olhos de Deus”. O egocentrismo cria uma barreira entre nós e Deus, pois para se chegar a Ele, é necessário abandonar toda ilusão de separatividade. Para exemplificar, recorro a um dos maiores exemplos de entrega ao Divino relato aqui uma passagem de Santo Estevão.²¹ Em Atos 7:55-60 na “Bíblia Sagrada” relata sobre Estevão que foi um homem que estava em totalidade mesmo no momento de sua morte. As testemunhas disseram que ele resplandecia a face de um anjo pois estava envolto em glória e mesmo entregue as autoridades por acusações falsas de “blasfêmia”. Mesmo assim, continuou a falar o que o Espírito Santo o movia a falar sobre as escrituras e sobretudo o que Deus fez pelo seu povo. Como eles mesmos que o acusavam sabiam que era a verdade pois eram autoridades religiosas, mas ao final de sua fala, mesmo sem faltar com a verdade, os enfureceu, pois falou da morte de Cristo e de como eles eram culpados disso. Então resolveram o matar e ele continuou a glorificar ao seu Deus afirmando de sua própria morte que via Deus nos céus e Jesus a sua direita confirmando assim tudo o que ele havia dito como testemunho anteriormente. Morreu em glória como se não houvesse dor no apedrejamento, só via a Deus e a Cristo e essa é uma das entregas mais totais e completas que a bíblia relata de uma pessoa comum que servia a Deus.

Todavia precisamos refletir sobre isto. Não preciso morrer fisicamente para ver a Deus, mas sim morrer para a vida desligada do todo e da vida inautêntica – morrer sim para o desejo finito. Pois como somos feitos a Sua imagem e semelhança, so o desejo pelo infinito nos pode dar a satisfação plena. Assim surge o encontro, o toque, a chispa de luz. Quando eu O encontro jamais

21 Santo Estevão foi um dos escolhidos entre sete homens de Deus para fazer parte do grupo dos primeiros diáconos da Igreja de Jerusalém, como lemos no livro dos Atos dos Apóstolos capítulos 6 e 7. Como o número dos cristãos aumentava muito, algumas viúvas começaram a ficar sem assistência por parte dos Apóstolos, que tinham que se dedicar à pregação da Palavra. Por isso, inspirados por Deus, decidiram escolher diáconos, ou seja, servidores, para prestar estes serviços assistenciais a necessitados. Estevão foi um desses escolhidos, como vemos em Atos 6, 1. Disponível em: <<https://cruzterrasanta.com.br/historia-de-santo-estevao/422/102/>> Acesso em: 05 jan. 23.

retorno desse encontro da mesma forma. Sem amarras ou objetos, sem egocentrismo, sem eu-e-meu, somente o uno eu-tu sem separação. Um só ser. Deus habitando o homem. Realizamos a sacratíssima humanidade de nosso ser. O criador e a criação em inteira harmonia através de um esvaziamento de si.

Este esvaziamento é fundamental para que a intuição surja na consciência. Isto foi expresso no pensamento em dança por Helenita Sá Earp quando disse:

(...) qualificar a dança, no homem, requer um esvaziamento temporário de todos os condicionamentos e um abrir de todos os canais para que a causa de todas as coisas possa fluir, pois é neste estado de esvaziamento de todos os sentidos que surge a dança." (EARP, p. 64)

Para ser movido precisa deixar-se ser movido. Não existe totalidade sem entrega e esvaziamento de si, para que o movimento se perpetue através da vivência e do toque sentido, que é o meio de inspiração para esse movimento novo que foi gerado antes mesmo de chegar a nós, mas é produzido por nós.

Mas para realizá-lo com total capacidade é necessário um esvaziamento de si, dos achismos, do egocentrismo e até mesmo das técnicas aprendidas anteriormente, pois que entramos na dimensão originária da técnica como desvelamento²². Desta forma sentimo-nos para numa entrega, pois a essência desse movimento é a nossa própria divindade que a entregou a nós enquanto artistas. Transbordante instante infinito de entrega de um no outro e vice-versa. um para o outro. Somente dessa forma essa dança poderá fluir de fato e se mostrar como arte de uma entrega de si sem limites e total.

Deus de mil nomes

22 Cf. a reflexão sobre a técnica realizada pelo filósofo alemão Martin Heidegger (1889-1976) onde ele demonstra que a técnica não se refere somente a um instrumento ou a uma instrumentalização operacional do ser humano, mas sim uma atividade pela qual uma coisa é revelada e a pessoa que faz está envolvida plenamente no ato de fazer. Traz uma perspectiva de que a *tecnhê* grega tem uma relação tão intrínseca com a verdade (*alethéia*) como libertação e entrega daquilo que estava oculto.

Imensurável em dimensão
Beleza com de toda criatura
Todas criadas por você
Sopra com teu vento sua inesgotável glória
Sem medida
Oceano do Espírito me atrai a mergulhar
Me afoga pra que eu morra nesse mundo e viva no teu
Morte a miséria de espírito
A soberba
Ao altivismo
Morte a mim, egoísta
Vida ao Rei eterno e imortal
Entrego todo o meu ser a ti
Vivificação ao teu Espírito em meu ser
Entrego total, radical, constante e sublime.

Assim é a “Fala do Indescritível”, a “Voz do Silêncio”, o “Som Impronunciável”. Que não se pode explicar, mas precisa ser sentido. Este indescritível é o entre, causa não causada. Sem início e sem fim. Aliás também não há começo, não há nada e há tudo.

Martin Buber no seu livro “Eu e Tu” fala sobre o ser que se dá no relacionamento. Quando se exclui o objeto, o passado e o futuro, se exclui tudo, as características. O que fica é o ser em relação com ele mesmo, com o outro, com a natureza, com o sobrenatural no instante vivenciado ligado à necessidade de estabelecer uma conexão entre o sujeito e o celestial.

O mundo como experiência diz respeito à palavra-princípio eu-isso. A palavra-princípio eu-tu fundamenta o mundo da relação. O mundo da relação se realiza em três esferas. A primeira é a vida com a natureza. Nesta esfera a relação realiza-se numa penumbra com o que aquém da linguagem. As criaturas movem-se diante de nós sem possibilidade de vir até nós e o tu que lhes endereçam os depara-se com o limiar da palavra. A segunda é a vida com os homens. Nesta esfera a relação é manifesta e explícita: podemos endereçar e receber o tu. A terceira é a vida com os seres espirituais. Ali a relação, ainda que envolta em nuvens, se revela, silenciosa mas gerando a linguagem. Nós proferimos, de todo nosso ser, a palavra-princípio sem que nossos lábios possam pronunciá-la. (BUBER, 1974, p. 6 e 7)

Em todas essas relações a mais improvável e mais forte é com os seres espirituais onde encontramos em todas as outras e nela mesma, também chamada de sobrenatural. Mas como vimos antes este sobrenatural no monismo refere-se a dimensões de uma única e mesma realidade.

O que seria esse “sobrenatural”: a relação principalmente com o próprio Deus. O inefável, inalcançável e ao mesmo tempo alcançável a todos que o desejam e buscam com sinceridade e totalidade. Inalcançável porque não se pode ver como essa relação ocorre com o “natural”, o ser da razão, mas a vivência apesar de indescritível é real, e apreciada por quem tem sensibilidade intuitiva de ver em profundidade.

O que essa relação causa ao indivíduo é totalidade do ser. Mas precisa haver totalidade na entrega e na vivência. Excluir tudo o que pode ser ou se tornar obstáculo. É uma missão quase impossível na atualidade com tamanha exigência que o dia a dia agitado e corrido que o mundo hoje nos impõe. A inclinação aos modismos, a influência das mídias e até mesmo a luta pela sobrevivência no mercado de trabalho, enfim tudo mais o que esse mundo secular tem e nos mobília acaba por nos prender nesta superficialidade cotidiana. Desta forma sobrecarregando as mentes e os corpos para que a alma padeça a cada dia adoecendo a mente causando desequilíbrio entre as partes do corpo (corpo, alma, “mente”, espírito).

A palavra-princípio Eu-tu só pode ser proferida pelo ser na sua totalidade. A união e a fusão em um ser total não pode ser realizada por mim e nem pode ser efetivada sem mim. O EU se realiza na relação com o TU; é tornando EU que digo tu .” (BUBER, 1974, p. 13)

Quanto mais me encontro em mim mesmo posso proferir a palavra EU-TU que define o homem como ser total que pode se relacionar com os seres em plenitude amando uns aos outros e se entregando na medida em que existe a entrega do outro ser ou a medida em que desejo me entregar. No caso do Ser

Sagrado, tenho uma possibilidade maior de encontro com o divino a medida em que Ele deseja se entregar e ser conhecido a mim, pois se o ser divino não quiser, não importa o esforço e a entrega, de maneira nenhuma o encontro aconteceria, mas normalmente o ser divino é atraído pela nossa entrega e nos deseja tanto ou mais do que o desejamos encontrar. “Tornando eu digo tu” (BUBER,1974, p. 13.), quanto mais me conheço mais encontro o divino em mim mesmo. Dessa forma me torno um ser em totalidade e equilíbrio comigo mesmo e com relação aos seres a minha volta naturais que me levam a viver o “Deus do Mundo nos muitos mundos de Deus” como dizia Rodhen, a medida da entrega e do conhecimento que advém desta suprema beatitude.

Vamos de agora em diante refletir e descrever como se deu esta entrega ao divino em minhas danças. “

3. TRANSVERBERAÇÕES: DANÇANDO NO E COM O DIVINO

Neste capítulo descrevemos a metodologia e os processos de criação utilizados na realização das videodanças propostas. As reflexões sobre exegese bíblica, mística em religiões comparadas e dança apresentadas anteriormente se entrelaçam e me permitiram desenvolver os processos criativos presentes em “Transverberações”. Vários laboratórios de pesquisa de movimento e improvisações que integram o presente estudo serão aqui descritos com a finalidade de levar o leitor a participar desta comunhão com o Todo através da dança.

Então pode parecer obvio mas o fato é que nos colocamos a criar! Assim cada ato de movimento, cada respiração significa aqui neste estudo ir a uma espécie de fonte, um núcleo, uma essência, uma consciência testemunhal de nossa própria presença.

Tentei assim dançar, tentei assim trazer vida e vivificação a forma que está para nascer no corpo em movimento. Passar do não visto, ao visto, do sem forma à forma “a arte ´se encarna` : seu corpo emerge da torrente da presença, fora do tempo e espaço, para a margem da existência.” (BUBER, 1974, p. 16).

Encarnar é tomar forma onde antes nada havia. Transformar, fazer e acontecer como atitude de vivificação.

Este fluxo de encarnações-videodanças que serão descritas na sequência a seguir, se tornarão uma espécie de caminho e passagem para que o espectador também vivencie comigo a doação que senti e me fiz ser em dança para tornar-se dança imanente em si mesmo. Em outras palavras:

Eis a eterna origem da arte: uma forma defronta-se com o homem e anseia tornar-se uma obra por meio dele. Ela não é um produto de seu espírito, mas uma aparição que se lhe apresenta exigindo dele um poder eficaz. Trata-se de um ato essencial do homem: se ele a realiza, proferindo de todo o seu ser a palavra-princípio eu-tu à forma que lhe aparece, aí então brota a força eficaz e a obra surge. (BUBER, 1974, p. 11)

Assim podemos dizer que as danças aqui presentes são uma espécie de doação de si e do corpo para que a forma se dê a brilhar. O fluxo criador entrega e totalidade no momento que haja o brotar da vida do movimento. Sendo único e irreprodutível a cada vez que este se dá. Surge, brilha, brota e desaparece, e nunca mais retornará da mesma forma.

Assim, mais uma vez afirmo: para que estas videodanças pudessem tomar forma – ir a sua concretude – como ensaios poéticos em dança foi preciso entrega. Entrega e doação como caminho para a pesquisa em dança são requisitos fundamentais para o intérprete-criador. Se a entrega do Eu não for completar, a dança também não se entregará completamente. E uma via de mão dupla onde um se doa para o outro para que o movimento possa vir a ser.

Fluxo e Forma se dão conforme a entrega íntima do ser. Não se trata de uma compreensão conceitual. Não é preciso “entender o que está acontecendo”

mas sim ir longe na “nuvem do não-saber”²³ sem questionamentos ou dúvidas que possam interromper o momento único presente vivenciado do ser que dança em manifestação total. Neste sentido, podemos dizer que se trata de uma ato de amor em movimento, ideia esta que era muito cara a Professora Helenita Sá Earp e considerada a condição da abertura à intuição movente.

Dar lugar e simplesmente deixar acontecer, pois não existe definição do que acontece no momento da vivência. Não existem palavras descritivas de como o ser se sente ou o que está ocorrendo. Somente flutuar na atmosfera sendo gerada em sendo no próprio instante poético. Trata-se de um tempo instantâneo, vertical. Nesse tempo kairológico²⁴, a obra toma forma através do artista disponível a vivência. Para Martin Buber, o ser na totalidade com o divino é um ser sem limites, portanto, não pode ser definido em qualidades e descrições:

23 A “Nuvem do Não-Saber” é um guia espiritual por volta de 1390, por um monge desconhecido, provavelmente da Ordem dos Cartuxos, que teria vivido na Inglaterra. Em seus 75 capítulos, um monge cartuxo ensina a um jovem, de aproximadamente vinte e quatro anos, acerca da vida contemplativa, em que a alma se une a Deus. Para tanto, o autor lança mão, principalmente, de dois episódios bíblicos: o Evangelho de S. Lucas, 10, 38-42 e o livro do Êxodo, capítulo 24¹. O primeiro, sendo mencionado de maneira explícita pelo autor e o segundo, apenas implicitamente. No primeiro episódio, Maria representa a vida contemplativa, enquanto Marta representa a vida ativa. Isto porque conforme a narrativa neotestamentária, quando Jesus visita a casa de Marta, esta se apressa em preparar-lhe a refeição, enquanto Maria se senta para ouvi-lo. No segundo episódio, Moisés representa aquele que através de muitos esforços, chega à perfeita contemplação, sendo então, encoberto por uma grande nuvem durante seis dias. Em suma, vida contemplativa se dá quando o cristão percebe a precariedade da razão, da inteligência natural, como meio de alcançar a Deus, e abandonando-a, vai de encontro a Ele por meio do amor, como ensina Merton: “ (...) embora a essência de Deus não possa ser adequadamente apreendida, ou claramente entendida pela inteligência humana, podemos alcançá-Lo diretamente pelo amor”. Ou ainda, nas palavras do próprio cartuxo: “Porque Deus pode muito bem ser amado, mas não pensado. Pelo amor Ele pode ser retido; mas pelo pensamento, não, nunca”. A proposta do cartuxo se encaixa no movimento de misticismo que surge em fins do medievo, do qual fizeram parte outros importantes nomes. O misticismo foi uma reação de descontentamento à excessiva valorização do pensamento racional promovido pela escolástica, suas respostas consideradas insatisfatórias, à crise das universidades, bem como, ao conturbado período de transformações e crises vividos pela sociedade e pela Igreja. O cartuxo pretende ensinar o que seja: a via mística de contemplação e amor a Deus, que se alcança, dentre outros quesitos, por meio da passividade, do silêncio e da solidão. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Nuvem_do_N%C3%A3o_Saber> Acesso em: 09 jan. 2023.

24 “Os gregos empregavam pelo menos três termos diferentes: *chronos*, *aien*, *kairós*. *Chronos* era o conceito mais central e o encontramos em Hesíodo (c.700 a.C.) em sua “Theogonia”. Nossa principal fonte do que chamamos de “mitologia grega”. *Aien* ou *aeon*, pode ser entendido como eternidade, o tempo enquanto sem início e sem fim, o tempo cosmológico. *kairós* é o momento, o momento propício. Os gregos teriam um conceito circular de tempo. Sem princípio, nem de fim, de criação ou de fim dos tempos.” (MARCONDES, 2019, 12)

Ele não é um simples ele ou ela limitado por outros eles ou elas, um ponto inscrito na rede do universo de espaço e tempo. Ele não é uma qualidade, um modo de, ser experiencial, descritível, um feixe flácido de qualidades definidas. Ele é tu, sem limites, ... costuras, preenchendo todo o horizonte. Isto não significa que nada mais existe a não ser ele. Mas que tudo o mais vive era sua luz.(1974, p. 9)

Então, chega-se assim ao ápice da vivência única e real. Mas embora esta não poder ser explicada em palavras ao espectador, façamos aqui o esforço de dizer o indizível que está presente em cada uma destas encarnações-videodanças.

A primeira forma de me relacionar com sagrado presentes nas videodanças é com a natureza onde eu me relaciono com o chão de terra, o vento e as árvores.

Por mais que eu tenha tentado ir ao encontro destas forças da natureza mais e mais vi que são caminhos infinitos de aproximação e encontro. Então, me aproximo, tento expressar o quanto posso, vivencio o toque, deixo-a me atravessar, sinto, mas sou sentida somente em partes. Guardo o momento do instante em mim como eterno.

A natureza então vive num tempo diferente do meu, e quando a chamo de para vir dançar comigo, procuro não “objetifica-la”, mas sim. Penso-a como gloriosa, filha do divino, pois vejo e sinto “traços” do criador na criação. Essa é a chave que me leva à contemplação e à dança. Quando enxergo o que se tem como dobra e manifestação de um único ser. O que o torna o que é. Aqui afasto toda a nossa tendência de dar funcionalidade à natureza. Vou longe da ideia do que “para o que serve isso”, ou ficar apenas explorando cores e espessuras. Aqui busco através dela uma relação com o divino. Busco ver o que se mostra e encontrar o que transborda. Vivenciar essa capacidade do ser é entrar em relação com ele mesmo.

Em minhas pesquisas dançantes, ao utilizar os Fundamentos da Dança de Helenita Sá Earp, enfoquei o Parâmetro Dinâmica, através dos quais pretendi estabelecer uma tomada maior de controle da energia e suas variações no corpo em movimento e em situações de repouso. Neste sentido, as pesquisas de movimento estabeleceram-se primeiramente em seus aspectos de leveza, com foco na intensidade com uso do Tempo Moderado e o Espaço em trajetórias não lineares. Especificamente, o tema central que norteou o presente estudo está ligado aos movimentos que se dão entre equilíbrio em e desequilíbrios, com uso do contatos das mãos nas partes do corpo com ênfase o deslizar gerando uma ideia de flutuação. Isto implica também na capacidade corporal de estabelecer matrizes de movimento em “Transverberações” com ligações do movimento contínuas e em diferentes Passagens da Força, tal como nos ensina Earp quando discorre sobre o Parâmetro Dinâmica. Estabelecer-se-á, assim, um caminho e uma dramaturgia no e pelo movimento que molda o Espaço em uma atmosfera de indeterminação, à medida que o movimento leva o corpo como um todo ao percorrer o Espaço de forma atmosférica. A partir do momento em que se toma maior controle das Passagens da Força, das Variações da Intensidade, das Entradas da Força, dos Impulsos e acentos no corpo, gradualmente os movimentos se tornam mais densificados e mais fortes, utilizando a Intensidade Forte com ligações contínuas e descontínuas, o que acarretou que o espaço fique mais determinado diretamente em termos de precisão de trajetórias com uso também do Tempo ora rápido, ora lento. A ideia é que a exploração do Parâmetro Dinâmica vá gradualmente do suave ao mais forte e em trajetórias das partes de corpo como do corpo como um todo no Espaço.

3.1 AO ME RELACIONAR COM A ÁRVORE:VIDEODANÇA “ARBORECÊNCIAS”

Na minha infância subia muito em árvores. Eu amava subir em árvores apesar do medo de cair, mas o motivo maior era para comer os frutos. Sempre amei os frutos! Sentir o cheiro de natureza em meio a cidade, cheiro de folhas, textura do tronco e dos galhos. Tomei coragem para estar ali e ser ali. O gostinho

de manga, jabuticaba e goiaba, gosto das folhas, me lembro enquanto escrevo este relato, chego a aguar, cheiro de infância!!! O vento soprando no balanço improvisado com uma corda e uma tabua na beira do barranco que iam em direção a linha do trem. E todas aquelas arvores majestosas que não davam fruto, mas davam vida aquele lugar. Uma mais linda e gigantesca que a outra. Eu as contemplava todos os dias!

Arvor, ar, árvore
O que você tem a me dar
Força, ar puro, frutos, beleza da contemplação
Distante
Na infância podia te abraçar
Porque me afastei de ti, ó árvore
Como és linda e forte em beleza mas também em alegria que me dá. Nos dá
Como é bela em aparência e ação
Bela por quem é
Te contemplo. Te amo!

Meu interesse na pesquisa com as árvores iniciou no Núcleo de Pesquisa Cristã junto com a então estudante do Curso de Licenciatura em Dança Tayna Bertoldo que pesquisava a relação dança-natureza com foco nas árvores e como através desta mediação, ela se conectava ao divino.

Após o contato com essa pesquisa, iniciei também um caminho próprio de forma a me sentir ligada também com Deus através das árvores. A partir daí, comecei a pensar sobre todo o sofrimento que ocorre na natureza com a intervenção humana. O desmatamento e as ruínas causadas pelas mãos humanas. Comecei a me ver movida e me senti sendo mais uma destas pessoas humanas que mesmo sem se dar conta colaboram para esta devastação, fazendo parte ao não se opor e ao não o enxergar isto antes.

Então comecei pelo sentimento do sofrimento que causo à natureza e as árvores. Com empatia me aproximo dela como em uma reconciliação, peço perdão a ela. Com essa conexão passo a desfrutar de sua companhia e sentir a sua essência divina, pois foi criada pelo mesmo Pai que me criou, portanto, é minha irmã árvore.

Nessa relação eu a sinto e ela “me sente” de uma outra forma. Sempre ouvi falar que as plantas crescem melhores e mais saudáveis quando conversamos com elas.²⁵ Este diálogo se deu pela conexão gerada através do toque. Seria maravilhoso saber que ela retribui ao me relacionar com ela, mas por ora, me conformo em senti-la e vivencio com entrega e totalidade o instante em que estou a tocando não somente fisicamente mas em energia e entrega amorosa.

Silesius aprofunda essa vivência como caminho para a contemplação real uma vez eu para ele a natureza é “veículo de graça”. Desta forma é que trilhei o caminho que percorri na pesquisa em dança com as árvores. (Figura 1) Um estado de entrega de mim mesma para a natureza e para a vivência total com ela, com sensibilidade e fé.



Figura 1: sentindo a árvore.

Muito mais que crer mas saborear esse “algo” que acontece naquele momento. Sentir os detalhes no momento do encontro, conhecer a essência do ser que estou encontrando e do meu próprio ser envolto nessa beleza e magnitude. Em que mergulho me deixo ser preenchida pela sua paz, alegria e totalidade. Nela, eu em mim mesma sou parte.

25 Cf. no livro Autobiografia de um Iogue de Paramahansa Yogananda o relato sobre Lutero Burbank, um santo entre as rosas. Ver referências.

Este estado de se sentir parte da árvore é graça. É uma poesia ...

(...) que requer tudo do leitor: reflexão, sensibilidade, vivência mística. Ela pede muito e, em troca, dá muito: alargamento da consciência, verdadeira embriaguez e revelação da riqueza infinita do real. A rosa, um verme qualquer, as estrelas, o canto dos pássaros, tudo é veículo de graça e salvação e símile da própria alma que contempla.

Esses são caminhos no natural que levam ao sobrenatural. A natureza foi criada por Deus, por isso ao contemplá-la nos achegamos a Ele de uma forma que o sentimos, mas sabemos que é parte de Deus e não Deus. Assim como nós, que também somos criação do divino.

A relação com a árvore se deu num estado de entrega de mim para ela que é diferente da que ela emana para mim. Por mais que eu a toque ela retribui o toque diferentemente de como o humano toca. Vou me aproximando em fluxo contínuo e velocidade lenta para a tocar com a testa e a sentir. (Figura 2) O momento vivenciado será eternizado nessa imagem gravada não somente por uma câmera mas pela totalidade que me senti neste momento da entrega. Fiquei em movimento potencial nessa cena para exprimir esse sentimento. o momento da vivência em que me entrego a ela sem esperar nada em troca. Somente apreciar sua beleza e perfeição nesse instante eterno.



Figura 2: abraçando e sendo abraçada pela árvore.

3.1.1 Sobre o laboratório com a árvore

Essa é a árvore da minha infância, onde eu balançava com uma corda na beira da linha do trem. Ali eu fui criança de verdade! Sentia o cheiro das folhas e o vento forte no rosto. Voltar ali deu gostinho de infância, mas principalmente de afeto. Como eu era feliz e livre! Ainda sou feliz, mas hoje tudo é diferente. Amo você árvore!

3.1.2 Descrição de cena

Fui em direção a ela com uma caminhada lenta até estar a sua frente e a apoiar minha cabeça em seu tronco e mão direita. Então começo um tipo de conexão com ela. Ela me retribui mas não consigo a sentir pois é distante a mim ter esta percepção consciente. Então, eu fico ali contemplando sua presença e beleza natural.

3.2 AO ME RELACIONAR COM O VENTO: VIDEODANÇA “SOPROS”

Quando nos dispomos a nos envolver, deixar acontecer uma relação com qualquer ser da natureza é necessário haver entrega de si para que essa relação de fato possa se dar. Para isso acontecer é preciso renúncia de si, deixar de lado o ego, os achismos, as crenças e qualquer coisa que possa causar a separatividade. Isto foi expresso por Earp da seguinte forma:

o homem que não é determinado pelo seu ego condicionado, se abre para o seu ilimitado Eu. Este homem atinge o estado superior de consciência, o estado intuitivo, onde o fluxo, o ilimitado, o uno, se

corporificam sem cessar numa relação bipolar e complementar entre fluxo e forma. (2019, p. 64)

Esse é o estado que tento alcançar ao me relacionar com o vento. Em um fluxo livre me deixo levar pelo vento que me leva a tomar formas. Nesta fluidez, exploro um jogo de desequilíbrio e retomada do equilíbrio. Procuro ficar no limite entre se entregar ao vento e quase cair me manter no apoio dos pés. (Figura 3) Para continuar de pé preciso manter um determinado “controle” que na verdade é uma dança a dois.



Figura 3: eu e o vento dançando juntos.

O vento me move mas eu também sou movente com ele. Deixo-o me levar mas não como o vento leva saco vazio pelo ar. (Figuras 4 e 5) Procuro criar tensões e também prazer de fazer parte dessa dança de forma ativa.



Figura 4: movida e movente com e como o vento.



Figura 5. o vento me conduz.

Sendo movida e movente ao mesmo tempo. Sendo conduzida mas sem ser mas não jogada sem controle nenhuma das partes e das transferências do peso. Sou lançada ao vento, mas ainda estou aqui confiando no meu estado intuitivo. Me deixo guiar por ele ainda com um Eu mas livre do egocentrismo.

3.2.1 Sobre o laboratório de movimento com o vento

Os laboratórios de pesquisa de movimento com vento foram um grande desafio. Nestes deixo a energia fluir transpassada pelo brotar do corpo. Movo , move o corpo pelo fluxo que me é dado pelo próprio vento. A partir daí, surgem pequenos e grandes impulsos a depender da força da energia eólica. Estes , Impulsos causados pelos ventos acionam tanto as partes do corpo como o corpo como um todo, levando-me a realizar transferências e locomoções na base de pé. Também dei primazia, como sempre neste trabalho para a contemplação da natureza que neste item foi realizada como uso do movimento potencial e micro movimentos. Nesta composição utilizei também um tecido que pudesse expressar ainda mais este “aparecer aéreo do movimento do vento”. A ideia é que com estes elementos reunidos o expectador possa fruir mais este

sentimento de fluidez do vento nos movimentos coreografados. O uso deste implemento na Dança Ministerial ou Dança Gospel é conhecido como *Flag*.²⁶

Essa pesquisa iniciou quando ainda estava cursando meu 7º Período do Curso de Bacharelado em Dança da UFRJ com a orientação da Prof.ª Dr.ª Maria Alice Poppe. Nesta ocasião, o Fator Peso do Sistema Laban era o foco da disciplina. Fui motivada a me deixar levar pelo Peso das partes do corpo no movimento em Fluxo Contínuo. A partir daí fomos estimulados a trabalhar a partir de uma sequência de movimentos por ela pesquisada. Toda esta experimentação me abriu os olhos para um horizonte de possibilidades moventes. Foi aí que pude ter um dos *insights* do que eu queria fazer no meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) no formato Memorial. Então, iniciei essa pesquisa sobre o mover pelo espaço com o peso dos braços guiados pelo fluir do vento. Pude experimentar a maravilhosa sensação de ser levada para onde ele estiver indo, articulando esta sensação com uso de movimentos suaves dos membros superiores em harmonia com o Peso Leve gerado pelo meu corpo como um todo que se deixa levar por ele causando uma sensação de liberdade na dança.

Nessa cena sou movida pelo vento. Me deixo ir pela atmosfera presente no momento da dança. Encontro um estado de liberdade e ausência de medos. Procurei chegar a um lugar de condução onde o vento me levava pelo ambiente natural onde realizei as improvisações. O local era amplo e sem limites. A partir daí procurava sentir e plasmar estas sensações como se fossem o próprio Espírito Santo me guiando. O vento assim é meu irmão e a natureza uma Mãe Amorosa todos um com o Pai-Celestial.

Tudo está relacionado, e todos nós, seres humanos caminhamos juntos como irmãos e irmãs, numa peregrinação maravilhosa,

26 Na página da internet de compartilhamento de vídeos You Tube podem ser acessados inúmeros exemplos como as *Flags* vem sendo exploradas na dança em diversos contextos artísticos.

entrelaçados pelo amor que Deus tem a cada uma de suas criaturas e que nos une também, com afeição, ao irmão Sol, a irmã Lua, ao irmão Rio e a Mãe Terra. (BOFF, 2019, p. 21)

3.2.2 Descrição de cena

Começo na base de pé, com movimento do braço direito como um pêndulo para o lado até completar uma circundação pelo ar. Deixo o braço pesar e puxar o movimento. Vou para o lado esquerdo e incluo nesse pêndulo o outro braço também. A partir daí, realizo uma volta iniciada pelos dois braços com jogada do eixo e mudança de nível membro inferior esquerdo em atitude flexionada a nível do joelho (2º segmento). Então começo um movimento onde os braços puxam o tronco para baixo e em seguida para cima onde estabilizo o tronco por um segundo e volto a mover para baixo com jogo dos braços. Então, em movimentos de braços, esquerdo e direito sucessivamente, jogo-os para trás circundando-os atrás até chegar à frente. Depois os jogo para trás com menos força dessa vez, para não chegar a circundar novamente. Novamente refaço para frente jogando o corpo como um todo um pouco para cima. Quando os braços em pêndulo voltam a ser direcionados para trás, com tronco para baixo, o corpo como um todo é direcionado a um salto para cima. Então, com o braço direito, e a partir dele giro girar o corpo novamente para frente. Ao final deste ciclo repito toda a sequência novamente algumas vezes em velocidades variadas.

3.3 AO ME RELACIONAR COM A TERRA: VIDEODANÇA “BARRO”

Me lembro que aos 5 anos de idade as ruas ainda não eram asfaltadas onde eu morava. Brincava com a terra todos os dias. Criança não se importa em se sujar, rolar no chão, juntar um monte de areia para fazer castelinhos e até mesmo se cobrir com ela. Era tão gostoso mexer naquele chão de terra. Andar descalço com liberdade. Sentir as minhas raízes indígenas pulsando e me lembrar do que eu ainda não sabia, minha ancestralidade vinculada à etnia tal. Mas dentro de mim eu sentia algo que me dizia que deveria seguir estas simples

ligações com a natureza. Afinal, por que teria que andar com algo que me tira o contato com o chão?²⁷ Como eu já disse, criança não se importa em se sujar, até porque terra não é sujeira, terra é natureza.

Sentada em posição fetal início o contato com a terra
Ela sou eu, eu sou ela
Escrevo nomes de um único Deus sobre ela, quem me domina
Pois eu entreguei o domínio sobre mim
Ele é o Pai da Terra, a terra sou eu
Me cubro com a terra em partes do meu corpo
Me lavo com ela
Banho de terra é banho de purificação
Ela me “suja” e lava minha alma
Traz de volta o equilíbrio perdido
Gosto de você! Terra!
Você me é ligação com o Divino
Filhos de um só pai, irmã terra
Te tratarei como um bem precioso, pois você é!

Essa pesquisa iniciou quando estava cursando meu 3º Período do Curso de Bacharelado em Dança da UFRJ. Nesta ocasião realizei um trabalho em grupo com uso de argila. A ideia era sentir sua textura e ir nos “sujando” com essa lama a medida que a misturávamos a argila com a água. Tocávamos a argila, ora mais densa, ora mais líquida. Depois tocávamos a nós mesmos. Em seguida uns aos outros e íamos nos misturando neste barro formando uma só massa de corpos unidos. Vivenciávamos um ponto de partida, o início de nós mesmos. Gênesis 2.7 diz: “Então, formou o Senhor Deus ao homem (ser humano) do pó da terra e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente”. O barro está ligado a esta narrativa mítica-escatológica da corporeidade humana. Então por associar o barro a origem do ser humano, vinculei esta pesquisa com a minha pesquisa do sagrado na dança que tematizo neste estudo. Continuei o interesse por essa pesquisa associando-

27 Existem estudos que mostram o que acontece com o corpo humano quando andamos descalços na terra. “O aterramento, ou ‘aterramento’, como algumas pessoas o chamam, envolve colocar os pés diretamente no chão, sem sapatos ou meias como barreira. A lógica por trás dessa prática se relaciona com a intensa carga negativa transportada pela Terra. Essa carga é rica em elétrons, teoricamente servindo como um bom suprimento de antioxidantes e elétrons destruidores de radicais livres.” Disponível em: <<https://www.pensarcontemporaneo.com/estudos-mostram-o-que-acontece-com-o-corpo-humano-quando-andamos-descalcos-na-terra/>> Acesso em: 10 jan. 23.

a ainda mais diretamente à natureza. Pude então enfatizar a conectividade que o elemento terra, e em particular, o barro com o divino.

Uma das referências que eu tive ao me relacionar com a terra foram as aulas de Dança e Yoga que fiz com o Prof. Dr. Marcus Vinícius Machado de Almeida e Fundamentos do Yoga com o Prof. Dr. Nilo Pedro da Cunha Gonçalves. Ao me ligar comigo mesma no trabalho de respiração, conseguia me relacionar com mais tranquilidade à terra e também experimentava um desprendimento de todo o meu eu e vaidade. Ali sentada sobre a terra, ia me entregando a cada vez sentindo com calma a entrega do peso do corpo no chão.

Essa entrega pode ser encontrada de diversas formas. Earp (2019) relaciona a imobilidade, o silêncio, o estado potencial como meios facilitadores entre esse estado e o móvel, contínuo, movimento liberado esse estado de encontro com o ser em plenitude e entregue em dança na sua totalidade como ponto de equilíbrio desse estado do ser com a arte: “Nesta relação entre imobilidade e mobilidade, entre movimento potencial e movimento liberado, entre silêncio e vibração, entre o vazio e a forma, entre a potência e as potencialidades, entre o eterno e o temporal que o homem pode expressar a sua dança enquanto qualidade e quantidade, enquanto ser e devir. (EARP, 2019, p. 68)

Como base de pesquisa pela prática, utilizei esse jogo de potencial e liberado para encontrar em mim e no chão de terra um equilíbrio, uma conexão que ora está presente, ora se perde. Este jogo era continuamente retomado para em contato direto com o chão de terra com uso das mãos em contatos entre si, (Figuras 6 e 7) entre segmentos dos membros superiores e outras partes do corpo.



Figura 6: sentindo a terra.



Figura 7: me lavando com a terra.

3.3.1 Sobre os laboratórios de movimento com a terra

Espessura na terra-lama
Sentir nos dedos e entre os dedos

As práticas foram intensas. Foram exploradas o espalhar para a mão deslizando com os dedos da própria mão. Depois dando continuidade a linha anterior de pesquisa corporal, utilizou-se do deslizar de uma mão na outra sentindo a textura, o toque entre as mãos. A ideia que nos guiou aqui foi de deixar esse deslizar se tornar um carinho ora forte, ora mais suave sentindo cada pressão ou falta desta pressão entre as mãos à medida que experimentávamos a dança. Aos poucos ainda no tema: Deslizar das Mãos, pude explorar uma na outra sujando-lavando o rosto com elevação dos braços de modo deliberado. A

intenção era de que esse toque ocorresse de forma natural até que as mãos se soltassem uma da outra para deslizar pela face. No deslizar das mãos pela face explorei primeiro as bochechas com movimentos de circundução, procurando assim, amassar o rosto e ir fazendo caretas com esse pressionar. Me sentia como sendo esta face uma massa que modela.

Esse toque fez movimentar, vivificar, acordar, despertar o rosto! No Salmo 103 Canta o Rei David “Enviai o Vosso Espírito Senhor, e da terra toda face renovai” Com uma expressão renovada e de esperança dada pela ativação de nosso ser através da sensibilização de cada parte a ser tocada!

Após o movimento de circundução nas bochechas, as mãos passaram a deslizar em outras partes da face como a testa, por exemplo, para aliviar possíveis tensões. Depois nos olhos para que estes se abram e vejam. Abri-los ao mundo. Depois exploramos o nariz e me concentrei no ar que entra e sai pelas narinas. Após esta etapa, já em um estado pré-meditativo explorei os movimentos da boca. O sentimento é que a boca seja o lugar da voz do coração. “Coração é o teu nome Óh Senhor”.²⁸ Para que ela seja ativada a falar tudo o que o coração quiser dizer (metaforicamente). Então, faço massagens e até mesmo puxões de cabelo em mim mesma para tirar toda tensão e ativar o sentir até as pontas dos fios de cabelo no coro cabeludo. Enquanto isto acontecia fui me lavando com argila. A argila simbolizou o chão de barro que me fez mergulhar unida com a terra.

Após os puxões de cabelo, lavei os braços com esse barro com movimentos de deslizar cada vez mais contínuos e fluídos. Gradualmente fui expandindo até começar a passar também o barro nas pernas, joelhos e pés. Os

28 Este é o título traduzido do inglês do livro do grande iluminado da Índia com fragmentos poéticos dos ensinamentos de Sri Ramana Maharshi. Para maiores informações ver em: <<https://bookstore.sriramanamaharshi.org/product/heart-is-thy-name-oh-lord/>> Acesso em: 10 jan. 23.

movimentos eram e pouco a pouco se expandiam também para a barriga. Após o ciclo se completar nesse deslizar, mudei de base até ficar deitada no chão com as pernas flexionadas com os joelhos direcionados para cima e os braços estendidos acima da cabeça.

3.3.2 Descrição de cena

Sentada no chão de terra realizo uma breve meditação para me desligar do mundo externo e das preocupações do dia a dia cotidiano. Aos poucos quero me sentir um com a natureza, desta vez como a natureza da terra.

Começo com movimento dos dedos no barro. Depois levanto o tronco e começo a passar o barro nas mãos e nos braços. Enquanto me lavo com a terra vou entrando em um estado de leveza e entrega. Tento encontrar a totalidade do ser, e por vezes me perco dela. E retorno a ela. Me conectando com a natureza e contemplando em contato comigo mesma chego mais próxima desse lugar. Lugar de paz, entrega, alegria, origem de mim mesma, pois vim do barro. Sou feita de barro. Moldada pelas mãos de um único criador de todo o universo. E é nele que eu busco estar, pois o natural e o sobrenatural são apenas palavras vazias para que entrou na unidade profunda de todas as coisas. Pela conexão de espírito através da contemplação posso chegar a esse estado de equilíbrio para me encontrar em mim nele.

Trabalhar com a textura do barro, criando bolinhas de barro no deslizar, formando um pincel que me tonalizar e me torna cor de barro, eu sou barro. Ele me pinta externamente e adentra minha carne até meu eu interno, até minha alma. Me torno TU! Me lavo contigo para ser um contigo. Me lavo do eu sujeito impaciente, freneticamente ansioso, intocável, para ser tocada e tomada por você, Barro! Sua textura adentra e cura, todo o caos em mim.

Toco nesse chão com movimentos circulares. Reúno uma boa quantidade de terra que possa segurar nas mãos e me banhar com essa terra. Passo as mãos cheias de terra pelas mãos e braços, depois pelo rosto, me lavo

com movimentos deslizantes até estar dentro da terra, pois ela me rodeia a pele. Eu sou terra enfim! Me entrego a ela e ela em partes a mim. Me encontro ali dentro. Excluo os pensamentos vãos. Me ligando cada vez mais a terra. Mas não é fácil se desconectar do eu externo. Todavia, quanto mais me entrego menos difícil fica essa ligação comigo-Terra. Após alguns movimentos de repetição nesse deslizar com variações de velocidade e entradas da força, me coloco em movimento potencial para sentir essa real unidade. Neste instante, como as mãos nos ouvidos, me deixo atravessar e depois a tento atravessar novamente em movimentos. Me encontro e me perco por algumas vezes nesse jogo de equilíbrio de mim mesma. Estou entregue a mim, estou entregue a ela, a terra que me fundaste e me oferece frutos. Quanto mais me esforço para ser terra menos sou. Mas quando simplesmente sou é aí que ela me acolhe e me deixa estar e ser parte dela.

Relaxamento, respiração, esvaziar da mente, são as principais formas que utilizo para chegar a esse estado que ainda não é total. Se torna praticando e vivendo, pesquisa e diversificando a maneira de chegar a esse lugar.

Em seguida, continuando a cena, continuo com o passar do barro no rosto tocando lábios, olhos, nariz, então vou para um deslizar nos cabelos puxando para cima e para frente. Então puxo para frente e baixo até tocar o tórax na altura do coração deslizando as mãos para os lados e buscando mais barro para entrar nesse deslizar até que respiro fundo e finalizo a cena estendendo os braços ao lado do corpo.

3.4 AO ME RELACIONAR COM JASMIM: VIDEODANÇA “EU-JASMIM”

Eu e jasmim
Eu e jasmim
Tudo parece lindo com você
Minha flor Jasmim
Tudo é novo e lindo
É brincadeira de carinho
Estar contigo é liberdade
É leveza

Essa prática ocorreu-me de forma natural. Jasmim é minha filha!!! Por ser uma criança ainda bem pequena, ela não se adequaria a uma dança feita para crianças com mais idade ou para outras pessoas em outras fases da vida. Então, para mostrar como ocorreu essa máxima ligação máxima - nada maior que a relação de mãe e filha - aproveitei o local da prática com o barro. Penso que não há infância melhor que a em contato com a natureza! Nesse caso o chão de barro onde a Jasmim nunca tinha havia estado antes.²⁹ anterior. (Figuras 8-10) Dessa forma, foi uma experimentação nova para ela e para mim que não tinha tido esse contato com ela dessa forma.

O intuito maior é demonstrar o encontro de amor que ocorre em cena, Helenita Sá Earp diz: “Tudo pode, só não pode qualquer coisa” ou seja há de se ter profundidade naquilo que se faz, mesmo quando se tematiza a vida superficial.³⁰ Certamente esse momento foi único e será lembrado e eternizado nesse memorial! O quão lindo e majestoso é esse entrelace entre duas almas quando a filha nasce a mãe também nasce.

29 É interessante observar que este é um dos princípios da Pedagogia Waldorf de Rudolf Steiner, educador, filósofo que criou a Antroposofia na Alemanha nas primeiras décadas do século XX. Vários relatos indicam que Steiner influenciou o pensamento de Rudolf Laban. Portanto, como Helenita Sá Earp é também uma herdeira do legado Labaniano, considero oportuno relacionar estes dados à sua valorização da dança na natureza.

30 Paul Johannes Oskar Tillich (1886 — 1965) foi um teólogo alemão-estadunidense e filósofo da religião. Tillich foi um dos mais influentes teólogos protestantes do século XX. Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Paul_Tillich > Acesso em: 10 jan. 23. É interessante observar que Tillich teve influência no pensamento de Helenita Sá Earp. Seu livro “A coragem de ser (*The Courage to be*). Trad. Eglê Malheiros, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1972, foi um dos livros de cabeceira de Helenita. Uma das frases de Tillich que Helenita mais apreciava era: “Se há um Deus, o seu nome é profundidade”.



Figura 8: trocando com ela.



Figura 9: humano e o divino na mesma pessoa.



Figura 10: pegando na terra.

Uma nasce dentro da outra vice-versa, como fica expresso no poema que escrevi para ela:

Tudo parece lindo com você
Minha flor, Jasmim
Tudo é novo e lindo, é brincadeira de carinho
Estar contigo é liberdade, leveza

3.4.1 Descrição de cena

Ponho a Jasmim sentada em meu colo e a apresento ao contato com o barro, experimentado na cena anteriormente por mim. Então induzo ela a me acariciar limpando o barro que está em meu braço, para que ela sinta esse contato comigo e eu me ligue a ela através desse contato também. Além de ser tocada ela também toca de volta.

Depois coloco ela deitada sobre mim, as duas em posição deitada no chão e peço que ela me beije. Então nos beijamos e nos abraçamos e brincamos uma com a outra até que ela decida sair de cena andando.

3.5 AO ME RELACIONAR COM O DIVINO: VIDEODANÇA “EU SOU QUEM EU SOU”

Vejo, movo, respiro e danço com o vento. Vejo um borrão verde com várias camadas e partes indo de um lado e outro, cima, baixo. Estou deitada na cama, sem óculos, sentindo pela janela fechada o vento que move a imensa árvore na minha janela. Sinto o vento, sinto-a dentro de mim! Isto chega a gelar minha pele. Sinto o vento em mim, está em mim. Me move dentro, sacode, sou árvore. Sinto simultaneamente um calor na testa. Vejo entre os bigodes do gato que está deitado junto a mim, na altura da cabeça. Sinto o vento e ouço o ronronar, sinto os pelos quentinhos ao deslizar minha mão e ele se move, ele

sou eu, eu-gato. Ele sou eu, eu-vento, ele-sou-eu,³¹ eu árvore. (Figura 11) Tudo é nada. Tudo é unidade, relação. O que vejo, ouço, sinto, toco é plenitude. É tudo.



Figura 11: dançando no sentimento “Eu sou Ele”.

Após este relato, sinto vontade de narrar uma vivência que fiz a partir do relato em Atos 7:55-60 sobre Santo Estevão. Estevão que foi um homem que estava em totalidade mesmo no momento de sua morte as testemunhas disseram que ele resplandecia a face de um anjo pois estava envolto em gloria e mesmo entregue as autoridades por acusações falsas de “blasfêmia” continuou a falar o que o Espirito Santo o movia a falar sobre as escrituras e sobre tudo o que Deus fez pelo seu povo como eles mesmos sabiam que era a verdade pois eram autoridades religiosas, mas ao final de sua fala, mesmo sem faltar com a verdade os enfureceu com o que estava falando pois falou da morte de Cristo e de como eles eram culpados disso. Então resolveram o matar e ele continuou a

31 Sem mesmo saber que está frase é uma das mais importantes da Vedanta quando estava escrevendo meu memorial pude perceber que estava em um estado de união mística. A Vedanta é uma das principais correntes filosóficas-religiosas do Hinduísmo. A frase em sânscrito é gradada assim: *Tat Tvam Asi*. Esta é uma frase traduzida de várias maneiras como "tu és isto" (*tata* = aquilo/isto, que nesse contexto pode ser compreendido como o princípio, a realidade, a verdade, a existência, o Ser (*Sat*), o Brahman; *tvam* = tu; *asi* = és; Aquilo tu és) é um dos *Mahāvākyas* (Grandes Pronunciamentos) no Sanatana Dharma vedântico. Ocorre originalmente na Chandogya Upanishad 6.8.7,[1] no diálogo entre Uddalaka e seu filho Śvetaketu; aparece no final de uma seção e é repetido no final das seções subsequentes como um refrão. O significado desse ditado é que o Eu - em seu estado original, puro e primordial - é total ou parcialmente identificável ou idêntico à Realidade Suprema, que é o fundamento e a origem de todos os fenômenos. Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Tat_Tvam_Asi > Acesso em: 10 jan. 23.

glorificar ao seu Deus afirmando de sua própria morte que via Deus no céu e Jesus a sua direita confirmando assim tudo o que ele havia dito como testemunho anteriormente. Morreu em glória como se não houvesse dor no apedrejamento, só via a Deus e a Cristo e essa é uma das entregas mais totais e completas que a bíblia relata de uma pessoa comum que servia a Deus.

O que inspira o começo de uma prática como essa?
Acordei! Esse dia é propício, eu sinto!
É hoje que Ele vem me visitar e eu o convido a morar
Aqui e agora é que acontece
Não fiz pré-preparo físico ou espiritual
Ele vem quando Ele quer e sinto que é hoje
Então Ele veio e fez tudo o que tinha que fazer
Cuidou de mim!
Tirou a ansiedade e habitou
Então, já ao final dessa prática é que tudo começou
Inspirações a prática final memorial

O primeiro poema deu inspiração ao início da prática da cena final do memorial relata o conflito real vivenciado pela artista no dia a dia para então chegar ao lugar de mais conforto e equilíbrio que só acontece com a conexão com o divino que alinha todas as coisas fazendo com que o fluxo seja então livre pois no início será contido e desordenado dando o conceito de pluralidade do ser antes e após o encontro com o sagrado seja por meio de uma meditação, oração, leitura de um verso bíblico religando a conexão já antes existente mas por vezes conflituosa do eu com o divino. (Figura 12)

(Des)Equilíbrio
Quando estou instável, em desequilíbrio
Quando o chão não está firme embaixo dos meus pés
Quando não sou eu, plena!
Quando as lágrimas caem
Quando não me reconheço no espelho
Quando me sinto só
Nesse lugar, clamo por ti
Te busco com o fim das minhas forças
Te encontro e volto a ti
Volto a mim
Me encontro em ti
Teu amor me completa
Me alinha contigo no universo pleno e criado por você
Você me resgata todos os dias
Da dor do passado
Do sofrimento pela ansiedade
Do eu caótico e desgovernado
Debaixo do seu governo tudo é paz
Sua luz dissipa as trevas em mim. Aí, eu danço!

Danço contigo, comigo
Com autocontrole das minhas emoções e liberdade
Entrega, abertura para o porvir
Aceitação do eu errante para poder acertar e trilhar o meu mundo
Mundo onde existe você e eu e o resto é coadjuvante do nosso amor
Do nosso encontro
Da alegria e liberdade de ser plena e alinhada no mundo onde tudo vem de ti como eu
Então, tudo é Eu e Tu
Para onde olho, te vejo
Quando olho no espelho também de vejo
É esse o lugar
Meu lugar!
Eu moro eternamente aqui!
Até amanhã percorrer o mesmo processo para chegar novamente a esse lugar



Figura 12: recebendo o divino.

Nesse segundo poema de inspiração à prática, já me encontro em uma atmosfera de equilíbrio e totalidade (Figura 13) demonstrando com gratidão o qual grandioso Deus é em Si Mesmo, e incomparável a qualquer outro ser, pois todos são menores que Ele mesmo.

Deus de mil nomes
Imensurável em dimensão
Beleza maior que a de toda criatura
Todas criadas por você
Sopra com teu vento sua inesgotável glória
Sem medida
Oceano do Espírito me atrai a mergulhar
Me afoga pra que eu morra nesse mundo e viva no teu
Morte a miséria de espírito
A soberba
A altivez
Morte a mim, egoísta
Vida ao Rei eterno e imortal
Entrego todo o meu ser a ti
Vivificação ao teu Espírito em meu ser
Entrega total, radical, constante e sublime.



Figura 13: permitindo que Ele seja em mim.

Para me preparar para esta cena, fiz várias meditações a fim de facilitar a minha abertura ao Infinito. Seguem várias frases que recolhi ao longo deste processo:

"Deus, por meio do seu filho, se fez homem para que o homem, com a mesma natureza de Jesus, se fizesse Deus". (BOFF, 2019, p.67)

Recorri também a tradição da Mistica nupcial de Salomão nos Cânticos dos Cânticos:

Que os seus lábios me cubram de beijos! O seu amor é melhor do que o vinho. O seu perfume é suave; o seu nome é para mim como perfume derramado. Nenhuma mulher poderia deixar de amá-lo. Quando o meu rei estava sentado no seu sofá, sentia-se o cheiro agradável do meu perfume. O meu amado tem cheiro de mirra quando descansa sobre os meus seios. O meu amado é como as flores do campo nas plantações de uvas que ficam perto da Fonte de Gedi. Como a macieira entre as árvores da floresta, assim é o meu amado entre os outros homens. Eu me sinto feliz nos seus braços, e os seus carinhos são doces para mim. Ele me levou ao salão de festas, e ali nós nos entregamos ao amor. O meu amor está falando comigo. Venha então, minha querida; venha comigo, meu amor. O inverno já foi, a chuva passou, e as flores aparecem nos campos. É tempo de cantar; ouve-se nos campos o canto das rolinhas. Os figos estão começando a amadurecer, e já se pode sentir o perfume das parreiras em flor. Venha então, meu amor. Venha comigo, minha querida Grave o meu nome no seu coração e no anel que está no seu dedo. O amor é tão poderoso como a morte; e a paixão é tão forte como a sepultura. O amor e a paixão explodem em chamas e queimam como fogo furioso. Nenhuma

quantidade de água pode apagar o amor, e nenhum rio pode afogá-lo. . Se alguém quisesse comprar o amor e por ele oferecesse as suas riquezas, receberia somente o desprezo.

Também realizei meditações com apoio nestas afirmações:

“Pai, filho espírito santo são a relação dos 3 em um só”. (BOFF, 2019, *passim*)

“Deus quer que nos relacionemos uns com os outros e com a natureza em si que nos é irmã pelo mesmo pai ao ponto de nos entrelaçarmos uns nos outros como Ele é com a trindade”. (BOFF, 2019, *passim*)

3.5.1 Sobre o laboratório de movimento com o Divino

Início com extensão das mãos e dedos abertos para fora do corpo causando uma sensação de distanciamento ao mesmo tempo que atrai as mãos uma a outra para fazer uma ligação, conexão delas até ligar as mãos e os dedos aos braços simultaneamente.

Ligo com deslizar das mãos nos braços com deslizar na cabeça, passando pelos ouvidos e pescoço até chegar ao coração, centro do universo corporal, para assim, ligar tudo ao divino que se encontra em mim mas também na atmosfera em volta de mim, fazendo a partir daí um jogo de contato com a atmosfera nas extremidades (*kinesfera* de Laban), com fluxo livre, peso-leve e controlado. Passando do eu para o todo envolto a mim que me envolve e inspira a essa dança com movimentos livres.

Após essa dança mais livre que toca as extremidades da atmosfera, com base de pés ao chão, vai começar uma série de toques sobre o corpo pressionando em variadas partes, toques forte e leves, com mudança de velocidade, até que chegando aos pés com os joelhos como base ao chão, vou iniciar um deslizar de mãos no corpo como um todo, de baixo para cima como se estivesse limpando o corpo e tirando tudo o que não é para estar presente nesse momento.

A partir daí iremos iniciar a nova fase da prática com inspiração nos segundo poema descrito na inspiração da prática.

Irei iniciar um movimento potencial, ainda de joelhos e prostrada ao chão, em contato da testa ao chão. Nesse momento estou nesse lugar onde o encontro acontece e tudo em volta se move. Eu e o meu Deus nos movemos em Espírito em um envolver só nosso que para o tempo e espaço para ocorrer plenamente em entrega e totalidade.

Nada que eu faça ou mova irá expressar plenamente o que ocorre nesse instante. Mas se Ele quiser Ele vai mover no corpo físico, ou não.

3.5.2 Descrição da cena

Na semana de gravar eu agendei na minha vida e no mundo espiritual um encontro. Coloquei no meu coração e na minha mente que seria naquele dia, sábado, dia 26 de novembro o dia em que teria um encontro em dança com Deus naquele monte.

Meses atrás eu tive um sonho em que gravaria em um monte e entendi que era dessa forma que tinha que ser. Os montes na bíblia indicam estar mais próximo de Deus por serem elevados e conseqüentemente mais perto do céu que os outros lugares. Então, tomei essa verdade como princípio e decidi que seria em um sábado no monte. Aguardei ter uma folga no sábado para marcar e algumas vezes precisei desmarcar por questão de tempo de chuva, não me sentir preparada psicologicamente e por conseqüência não sentir que era aquele o dia de acontecer o encontro. Mas na semana no dia 26 eu marquei esse encontro, como citado no início da escrita, sem garantias que conseguiria vivenciar ou transmitir o que ocorreria naquele lugar. Então chegou o dia e de manhã orei, fiz uma breve sessão de *Yoga* com base nos ensinamentos que tive na UFRJ com muitas aulas que fiz (cinco períodos de *Yoga* no total com Professor Marcos Vinícius Machado e Professor Nilo Pedro Gonçalves), e ainda

não me sentindo muito segura, pois estamos falando de equilíbrio e desequilíbrio da totalidade do ser, fui com minha irmã Manuela para gravar como tinha sido sonhado anteriormente que iria com uma menina para me auxiliar.

Chegando lá, quebrou totalmente minhas expectativas pois o monte é um local de silêncio para em conexão com a natureza ali presente e próximo do céu ter uma conexão com Deus, mas aquele lugar estava com pessoas por cada canto e algumas com músicas no celular, ou cantando alto, tocando tambor e o silêncio que eu esperava inicialmente percebi que não teria ali. Mas ao chegar senti ao olhar para um determinado lugar que seria ali o encontro, exatamente como eu projetei com árvores ao fundo e chão gramado. Então parei ali e afirmei para minha irmã que era aquele o local, deitei-me no chão para ter um mínimo de quietude dentro de mim para tentar que as coisas a minha volta não causassem tanta intervenção no meu propósito que era estar ali em conexão com o divino primeiro utilizando do vento e depois somente eu e Ele.

Após um tempo me conectando e trabalhando a respiração para obter uma tranquilidade interna e externa de mim mesma levantei e iniciei a primeira cena que é a dança com os ventos m que o vento me leva a um desequilíbrio e tirando do eixo e me torna ao eixo em uma cena coreográfica criada em laboratório e citada anteriormente com descrição da cena. Num segundo momento ainda na repetição dessa cena utilizo um flag que são dois tecidos em uma vara para que passem a transfiguração do vento dançando em mim e eu nele. Ao final se torna mais livre pois após algumas repetições o vento me convida a estar com ele entregue sem essa caixa de uma coreografia que me leva para lá e para cá especificamente e então me torno livre e unificada com ele, em uma dança com ele, vento que já não é mais distante a mim, mas sou eu vento, unidade.

Ao finalizar parei um pouco para respirar e aguardar o momento que senti de iniciar a última cena que a meu ver é o ápice de todo o memorial, a cena em que me entrego ao divino em dança e Ele dança comigo e em mim. Mas ao para percebi todo o barulho de novo e mais forte ainda impossibilitando qualquer tentativa de me desconectar daquele caos causando um grande desconforto,

pois ao mesmo tempo estava tudo, tambor, gritos, cantorias, outras músicas em sons e fora do monte um som estrondoso muitíssimo alto de uma música que até falava de Deus (música cristã), mas não era o meu propósito naquele momento pois preparei algo específico como me senti direcionada pela arte a fazer. Então, eu e minha irmã decidimos ir para algum outro local dali mesmo para tentar encontrar um pouco mais de silêncio em que no mínimo eu conseguisse escutar o meu som interno. Procuramos um canto e outro mas nenhum agradava, não sentia que era ali, tinham buracos e instabilidades. Então ouvi um silêncio completo e minha irmã foi verificar e no local em que estávamos inicialmente estava totalmente em silêncio e retornamos para lá. Fizemos toda a gravação e consegui ouvir até a música em que projetei inicialmente para esse momento, então o encontro aconteceu.

Após preparação com uma aula de meditação para acalmar o ambiente e meu eu interior, pedi conexão com o divino para habitar a prestação coreografia para laboratorial e criar junto, em unidade os movimentos que atraem o Espírito de Deus para dançar comigo e em mim. Movimentos que alteram a atmosfera e leva a um lugar de unidade de mundos físico e espiritual. Confiar o Espírito de Deus para o lugar, para a habitação no Todo. Trocar com a atmosfera gerada pelos movimentos, primeiro dando dela para mim, depois de mim para ela e vice e versa. Tomar partes da atmosfera gerada com movimentos kinesféricos e trazer com as mãos para o toque no corpo tomando para mim e convidando a habitar em mim esse todo em partes até que a presença se torne transbordante ao ponto de não poder mais ficar de pé e me prostrar com rosto ao chão Finalizando no movimento potente e respiração com habitação da presença gerada no espaço em cena q não mais é cena, é vivência e totalidade.

O encontro

Como sempre faço, passo toda a cena em mim antes de iniciar a gravação para testificar que me lembro de tudo o que vai ocorrer e também de estar inteira ali no local e no instante presente. No decorrer da cena que já foi descrita anteriormente no laboratório, senti que era aquele o momento de estar ali mas ainda em dúvida se o divino tinha programado na agenda d'Ele aquele

instante como eu tinha programado na minha agenda, então fui fazendo tudo e em espírito de oração pedindo que estivesse ali e que me movesse a estar com Ele não só nos movimentos externos mas nos internos também, e senti em mim uma inteireza, uma totalidade em que não era do campo da emoção, mas de espírito, e a cada vez que sentia mais forte os movimentos se tornavam mais potentes e entregues aquele momento ali, o momento da entrega e totalidade, e juntos fomos alinhando tudo, o espírito que já estava entregue naquele momento, o corpo que testemunhava o que o espírito vivenciava e a alma mas sem deixar desmoronar ao ponto de não ter mais forças para ficar de pé, pois esse momento era só ao final (spoiler). E tudo fluiu como águas fluem nos rios, e em alguns momentos me perguntei se era aquilo mesmo que era para ocorrer pois projetei sentir mais na alma uma emoção que me tiraria e em momentos duvidei se conseguiria seguir com toda a cena, mas foi bem progressivo o equilíbrio a tomar a cena que não foi por emoção, mas por totalidade. Estar ali, naquele momento, no instante em que o Espírito de Deus se alinhava ao meu ser a me mover a dançar com Ele e Ele dançar em mim.

Em todas as cenas tive momentos de equilíbrio e desequilíbrio de mim mesma, seja pela emoção não estar muito alta ou pelo corpo estar cansado, ou pelo psicológico ainda abalado por questão de ansiedade, em todas tive momentos de equilíbrio em que consegui estar inteira ali quando me relacionava com os seres da natureza, seres de vida e de potência em que pude sentir ao menos em partes ser aquele ser unidade. Mas em nenhuma cena foi como a última cena, em que tudo a minha volta estava ali, mas eu estava ali e em outra atmosfera ao mesmo tempo, eu estava presente de corpo-alma-espírito mas também estava em outro lugar, o lugar da presença, o lugar onde o encontro acontece e é vivido unicamente pelo ser que experimenta a entrega e o abraço do divino ser pai de todos os seres e criador de todas as criaturas vivas na Terra. Deus o meu Pai.

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

A essência da realidade é uma totalidade que resulta do conjunto de relações, por isso se chama holismo relacional. Esta perspectiva implica em pensar holisticamente. Ver que a totalidade não resulta da soma de partes, aqui, mas sim da interdependência orgânica de todos os elementos. Com isso se ultrapassa o dualismo e concepções mecanicistas do corpo e do movimento. Neste sentido, os ensaios áudios visuais que compõem esta pesquisa se

colocam como uma caminho de busca e entrega pela dança de celebrar a união no Todo, Bem Amado Cósmico ou Deus.

REFERÊNCIAS

BOFF, Leonardo. **Ecologia. Grito da Terra, Grito dos Pobres**: Dignidade e direitos da Mãe Terra. Petrópolis: Vozes, 2015.

BOFF, Leonardo. **Reflexões de um velho teólogo e pensador**. Petrópolis: Vozes, 2019.

BUBER, Martin, **Eu e Tu**. Traduzido do alemão pela Editora Centauro da Edição Ich und Du, Heidelberg, 1974.

CONTENTE, Marcos. **De Cronos à Kairós, ou sobre o tempo de cada um**. Disponível em: < <https://medium.com/@stoneyourmind/de-cronos-%C3%A0-kair-%C3%B3s-ou-sobre-como-todo-tempo-s-%C3%B3-precisava-de-um-pouco-de-sorte-273d28820a63#:~:text=Khr%C3%B3nos%20%C3%A9%20tempo%20cronol%C3%B3gico%2C%20o%20tempo%20c%C3%ADclico%20e%20imensur%C3%A1vel.2016>> Acesso em; 08 fev. 2023..

CRUZ, São João da. **Obras Completas**. Petrópolis: Vozes em Coedição com o Carmelo Descalço do Brasil. 2002.

DAVIDOVITSCH, Fernando. **O jogo da dança israeli**: dança depoimento como alternativa cênico-contemporânea. 2022. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

DUNCAN, Isadora. **A Minha Vida**. Edição do Kindle. (2016)

EARP, Ana Célia de Sá; MEYER, André. VIEYRA, Adalberto (Ed.). **Helenita Sá Earp**: Vida e Obra. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2019.

HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e Conferências**. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2006.

SAGRADA, Bíblia, João 7:38, Hebreus 1:7, Genesis 2:7, Atos 2:1, João 15:1,2, 1 Coríntios 12:12,13.

SILVA, Alaine. **“Deus segundo a bíblia”** – InfoEscola.

LABAN, R. **Dança Educativa Moderna**. São Paulo: Ícone, 1990.

MARCONDES, Danilo. Tempo e História: A Dialética do Tempo segundo Santo Agostinho. **Cad. Psicanál.** (CPRJ), Rio de Janeiro, v. 41, n. 40, p. 11-19, jan./jun. 2019 Disponível em : < <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cadpsi/v41n40/v41n40a01.pdf>> Acesso em: 08 fev. 2023.

MEYER, A. e EARP, A.C.S. VIEYRA, A. (Ed.) **Helenita Sá Earp**: Vida e Obra. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2019.

MEYER, André e EARP, Ana Célia de. **Corpos Híbridos: a Fotopoética como suporte da Ecoespiritualidade** IN: BALDI, Neila Cristina. Baldi. **Processos criativos, formativos e pedagógicos em dança** / Neila Cristina Baldi; Lauana Vilaronga Cunha de Araújo; Andrisa Kemel Zanella, organizadores. – Salvador /; ANDA, 2020. Disponível em: <<https://portalanda.org.br/wp-content/uploads/2020/12/ANDA-2020-EBOOK-4-PROCESSOS-CRIATIVOS.pdf>>

Acesso em: 08 fev. 2023.

MICHELAZZO, José Carlos. Desapego e entrega: atitudes centrais da meditação zen-budista e suas ressonâncias nos pensamentos de Eckhart e de Heidegger. **Rever**. Ano 11. N.2. Jul/Dez 2011, p. 147. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/8138/6040>> Acesso e: 08 fev. 2023.

SACHS, CURT. **Historia Universal de la Danza**. Buenos Aires: Ediciones Centurión, 1944.

SABETTI, Stèphano. **O Princípio da Totalidade**. uma análise do processo da energia vital: São Paulo: Summus, 1991.

TEIXEIRA, Faustino. O Haikai e a Revelação do Instante. **Interações – Cultura e Comunidade**. Belo Horizonte, Brasil, vol. 10, nº. 17, jan/jun, 2015, p. 48 - 61.

TEIXEIRA, Faustino. Raimon Panikkar, buscador do Mistério. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos On Line**. São Leopoldo – Rio Grande do Sul, Brasil, Edição 341/ 30 de agosto de 2010. Disponível em: <<https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/3467-em-memoria-de-raimon-panikkar>> Acesso em: 08 fev. 2023.

TEIXEIRA, Faustino. **No limiar do Mistério**. São Paulo: Paulinas, 2004.

TEIXEIRA, Faustino. **Malhas da Mística Cristã**. Curitiba: Appris, 2019.

YOGANANDA, Paramahansa **The Yoga of Jesus**

Understanding the Hidden Teachings of the Gospels. Self-Realization Fellowship. Edição do Kindle.

YOGANANDA, Paramahansa. **Autobiografia de um logue** Tradução de Adelaide Petters Lessa Pantas. São Paulo: Summus Editorial, 1976.

FICHA TÉCNICA:

Link do vídeo (Youtube): <https://youtu.be/j4vjiWgMLcE>

Título da obra: (TRANS)VERBERAÇÕES: um memorial sobre o sagrado na dança através da fusão com as forças da natureza

Direção, criação, interpretação e roteiro: Geisa Souza Santos

Orientação: Prof. Dr. André Meyer Alves de Lima

Banca examinadora: Prof.^a Dr.^a Leticia Teixeira e Prof. Dr. Roberto Eizemberg

Concepção de figurino: Geisa Souza Santos

Criação de figurino e elemento cenográfico: Clea Souza

Locação: Nova Iguaçu, Rio de Janeiro.

Projeto gráfico e edição de vídeo: Marcos Henrique Souza

Filmagem e Fotografia: Carlos Assis (Keki) e Manuela Marques dos Santos

Edição e mixagem musical: Marcos Henrique Souza

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE ARTE CORPORAL
CURSO DE BACHARELADO EM DANÇA

O Trabalho de Conclusão do Curso: Transverberações: um memorial sobre o sagrado na dança através da fusão com as forças

elaborado por: Geisa Souza Santos

e aprovado pela professora orientadora, professor coorientador e pelas professoras convidadas foi aceito pela Escola de Educação Física e Desportos como requisito parcial à obtenção do grau de: Bacharel em Dança.

Dez (10,0

(grau)

PROFESSORES:

Orientador: Prof. Dr. André Meyer Alves de Lima

Convidado: Prof. Dr. Roberto Eizemberg

Convidada: Profa.Ms. Leticia Pereira Teixeira

Data: 28/02/2023.